



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
FÁBRICA SANTA AMÉLIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA
CURSO DE TURISMO

NATHÁLIA LAÍS SOUSA RIBEIRO

O SOFRIMENTO DE ACADÊMICAS DO CURSO DE TURISMO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO FRENTE À PANDEMIA DA
COVID-19

São Luís

2022

NATHÁLIA LAÍS SOUSA RIBEIRO

O SOFRIMENTO DE ACADÊMICAS DO CURSO DE TURISMO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO FRENTE À PANDEMIA DA
COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Turismo da Universidade Federal do Maranhão como requisito
à obtenção do título de bacharel em turismo.

Orientador (a): David Leonardo Bouças da Silva

São Luís

2022

NATHÁLIA LAÍS SOUSA RIBEIRO

O SOFRIMENTO DE ACADÊMICAS DO CURSO DE TURISMO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO FRENTE À PANDEMIA DA
COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Turismo da Universidade Federal do Maranhão como requisito
à obtenção do título de bacharel em turismo.

Orientador (a): David Leonardo bouças da silva

São Luís

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa Ribeiro, Nathália Laís.

O SOFRIMENTO DE ACADÊMICAS DO CURSO DE TURISMO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO FRENTE À PANDEMIA DA
COVID-19 / Nathália Laís Sousa Ribeiro. - 2022.

56 p.

Orientador(a): David Leonardo Bouças da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade
Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil., 2022.

1. Acadêmicas. 2. COVID-19. 3. Ensino Remoto
Emergencial. 4. Impactos. 5. UFMA. I. Bouças da Silva,
David Leonardo. II. Título.

MEMBROS DA BANCA

Prof. Dr. David Leonardo Bouças da Silva

Prof. Dra. Linda Maria Rodrigues

Prof. Dra. Luciana Brandão Ferreira

AGRADECIMENTOS

A todos os meus familiares que de alguma forma contribuíram na minha caminhada até o momento. Minhas mães, Adalgisa Wan-Lume e Lirian Wan-Lume; meu pai João Viana; minhas avós Maria Dos Remédios e Maria Úrsula; meus irmãos Carlos Wan-Lume, Jéssica Wan-Lume e Jorge Luís. A família que a vida me contemplou e sou inexplicavelmente agradecida por tê-los, como Sândala Maria e Bruno Leonardo. Pode parecer de pouca importância para algumas pessoas, mas vejo a necessidade de citar meus animais nos agradecimentos, pois estes são responsáveis por eu poder experimentar a forma de amor mais inocente que eu tive o prazer de sentir e que foi de grande importância para eu levantar todos os dias da cama e continuar.

Agradeço imensamente por contar com o apoio e compreensão dos meus amigos durante esses longos anos de graduação. Cito-os aqui com todo carinho e amor que tenho por vocês Cristiano Benigno, Paula Torres, Beatriz Fernandes, Izabela Rêgo, André Passos, Igor Carneiro, Alexia Araújo. E principalmente, o Grupo Make Lovers, por terem sido meu ponto de apoio e ser responsável pela manutenção da minha sanidade mental.

Não poderia deixar de citar a Brigada de Ações Simbólicas do MST-MA, a qual me orgulho de fazer parte junto com meus camaradas de luta, os quais fiz ao longo da minha trajetória na militância.

Agradeço imensamente a disponibilidade das alunas entrevistadas, que tiveram coragem de expor aspectos íntimos de suas vidas para a realização desta pesquisa. A todos os professores do Departamento de Turismo e Hotelaria que contribuíram ao longo do curso para minha formação para além da sala de aula. Destaco dentre o corpo docente dois professores: professora Dra. Linda Rodrigues, por ter me dado a oportunidade de participar do Grupo de Estudos e Pesquisa em Identidades Culturais da Gastronomia Maranhense (GPICG), que tanto enriqueceu minha formação. E por final, o mais paciente da história dos orientadores Dr. David Leonardo Bouças da Silva, por ter me dado todo espaço que eu precisava quando algumas eventualidades foram acontecendo durante a realização deste trabalho, por cada palavra de incentivo e confiança. Admiro-o como profissional, o que torna ser sua orientanda um privilégio.

Não poderia jamais estar onde estou sem minha família, amigos e professores, a todos que participaram de forma direta ou indireta com o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa. Sobretudo, a mim, o maior agradecimento por não ter desistido. Apesar dos inúmeros acontecimentos durante o período da graduação, ressalto aqui o período de dois anos de pandemia, consegui encerrar essa etapa da minha vida.

Por fim, meus agradecimentos ao Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, por sempre buscar níveis elevados da qualidade de ensino por meio de professores qualificados em suas áreas.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres acadêmicas do curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão para lidar com a pandemia da COVID-19. Os objetivos específicos do estudo são os que seguem: levantar os impactos da pandemia sobre a vida das acadêmicas; suscitar melhorias para a vivência das acadêmicas durante a sua jornada na universidade. A metodologia usada na pesquisa é de natureza exploratória, qualitativa e descritiva, realizado junto a 11 acadêmicas do curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, no qual, os dados foram coletados por meio de um roteiro semiestruturado dividido em categorias correspondendo aos impactos negativos e positivos vivenciados pela pandemia de COVID-19 na sua vida pessoal e profissional. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Os resultados sobre os impactos positivos deram origem a 8 subcategorias, entre elas “Reduzir/eliminar deslocamentos” e “Maior convivência com familiares”. Dentre os impactos negativos foram elencadas 5 subcategorias, na qual se destacaram “Medo de contrair ou perder familiares/amigos”, “Dificuldade em compatibilizar estudo, trabalho e família” e “Problemas à saúde física, emocional e/ou psicológica”. Os desafios impostos as alunas pela chegada repentina da pandemia foram sentidas em todas as áreas de suas vidas. No entanto, percebe-se que as medidas para a contenção da propagação do vírus SARS-CoV-2 foi implementada de forma rápida e inapropriada, não considerando as várias camadas sociais. Diante dos resultados apresentados, as contribuições deste estudo tiveram a pretensão de identificar os principais entraves nas vidas das alunas ao longo da pandemia, os quais interferem de forma direta ou indireta no seu desempenho e bem-estar.

Palavras-chave: Acadêmicas, COVID-19, Impactos, Ensino Remoto Emergencial, UFMA.

ABSTRACT

This work aimed to understand the difficulties faced by academic women of the Tourism course at the Federal University of Maranhão to deal with the COVID-19 pandemic. The specific objectives of the study are as follows: to survey the impacts of the pandemic on the lives of academics; to bring about improvements in the experience of academics during their journey at the university. The methodology used in the research is of an exploratory, qualitative and descriptive nature, carried out with 11 academics from the Tourism course at the Federal University of Maranhão, in which the data were collected through a semi-structured script divided into categories corresponding to the negative impacts and experiences experienced by the COVID-19 pandemic in their personal and professional lives. The content analysis technique was used. The results on the positive impacts gave rise to 8 subcategories, including “Reduce/eliminate displacements” and “Greater interaction with family members”. Among the negative impacts, 5 subcategories were listed, in which "Fear of contracting or losing family/friends", "Difficulty in reconciling study, work and family" and "Problems with physical, emotional and/or psychological health" stood out. The challenges imposed on the students by the sudden arrival of the pandemic were felt in all areas of their lives. However, it is perceived that the measures to contain the spread of the SARS-CoV-2 virus were implemented quickly and inappropriately, not considering the various social strata. In view of the results presented, the contributions of this study intended to identify the main obstacles in the lives of students throughout the pandemic, which directly or indirectly interfere with their performance and well-being.

Keywords: Academics, COVID-19, Impacts, Emergency Remote Teaching, UFMA.

LISTA DE ABREVIATURAS

OPAS Organização Pan-Americana da Saúde

UFMA Universidade Federal do Maranhão

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC Ministério da Educação

OMS Organização Mundial da Saúde

PNAD-C Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PEA População Economicamente Ativa

ERE Ensino Remoto Emergencial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A PANDEMIA DA COVID-19 E SEUS EFEITOS	12
2.1 Questões de gênero e os desafios impostos às mulheres	15
3. METODOLOGIA.....	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
6. REFERÊNCIAS.....	45
7. APÊNDICES.....	54

1. INTRODUÇÃO

As mulheres são mais da metade do número de habitantes do território brasileiro, chegando a 51,1% (CORSINI, 2022). Contudo, ao longo da história da humanidade, as mulheres lutam por seu espaço na sociedade e para mantê-lo, elas não podem se esquecer “que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados” (BEAUVOIR, 1949). A luta feminista vai além das discussões de gênero, também engloba vários pontos que são cruciais para a desigualdade social presente no patriarcado como racismo, homofobia e o preconceito de classes.

Nesse âmbito, ao longo dos tempos a sociedade vai modificando seus espaços e quem os integra, dentro das universidades não foi diferente. Os dados do Censo da Educação Superior 2020 (BRASIL, 2022) comprova que o público feminino é o maior no ensino superior brasileiro, espaço este que já foi, predominantemente, masculino. Embora, atualmente, as mulheres sejam maioria nas universidades, persistem inúmeras problemáticas envolvendo a sua permanência na academia. A sobrecarga sustentada pela sociedade patriarcal sempre foi imposta ao gênero feminino, como a responsabilidade da maternidade, cuidados do lar e de pessoas. Ainda que tenham lutado pelo direito ao trabalho remunerado e ao estudo, as demais tarefas que sempre foram atribuídas ao gênero ainda é uma barreira para seu crescimento profissional (OLIVEIRA, 2020). Prova disso é que as mulheres aparecem na frente das pesquisas quando o assunto são os cuidados do lar. Mesmo entre homens e mulheres economicamente ativos, a diferença ainda é de mais de oito horas por dia, não só com os afazeres domésticos, mas com o cuidado de pessoas (IBGE, 2019).

Do final de 2019 ao começo de 2020, o mundo acompanhou o começo de uma pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual provoca a já conhecida COVID-19. Esta teve sua propagação acelerada, em muitos países do mundo, nos meses seguintes ao seu surgimento. Desse modo, medidas de isolamento social foram necessárias e, com isso, o impacto na sociedade foram se mostrando mais evidentes (MUJICA et al., 2020). No contexto das universidades, essa crise sanitária exigiu a suspensão brusca do ensino presencial, obrigando a adoção do ensino remoto emergencial (ERE) (PAZOS; RUIZ; PÉREZ, 2020), a qual impactou tanto alunos(as) quanto docentes (BAKER et al., 2020), sobretudo numa formação como o curso de turismo, que requer o

exercício da prática, que foi impedido de ser realizado durante a pandemia de COVID-19.

Mais especificamente a respeito do universo feminino, houve o aumento dos casos de violência doméstica, aumento da taxa de desemprego, aumento da fome, sobrecarga em mulheres-chefe de família, entre tantos outros fatores foram identificados nas trabalhadoras brasileiras que sentiram na pele as dificuldades promovidas pela COVID-19. Destaca-se, neste trabalho, o impacto desta pandemia no gênero feminino, pois há uma invisibilidade no trabalho das mulheres, em especial, em mulheres que seguem a carreira acadêmica (MENDES, 2020).

Tendo em mente o cenário exposto acima, apresenta-se, a seguir, a pergunta de pesquisa que norteia este estudo: como as acadêmicas têm sentido os impactos da pandemia da COVID-19 em suas vidas profissional, familiar e educacional? Diante deste questionamento, o presente estudo tem como objetivo geral compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres acadêmicas do curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão para lidar com a pandemia da COVID-19. Os objetivos específicos do estudo são os que seguem: levantar os impactos da pandemia sobre a vida das acadêmicas; suscitar melhorias para a vivência das acadêmicas durante a sua jornada na universidade.

Esta investigação justifica a sua importância, a partir da recomendação de pesquisa de Leite, Torres e Cunha (2020) para aprofundar estudos sobre impactos da pandemia na vida acadêmica com vistas à elaboração de estratégias e o planejamento de ações, individuais e coletivas, para mitigar os efeitos nas universidades e na saúde física e psicossocial dos estudantes. Ademais, diante das possibilidades de contribuir com o debate sobre questões de gênero, este trabalho se propõe a levantar sugestões para mitigar a problemática que envolve as mulheres no contexto acadêmico, sobretudo em momentos de crise como a provocada pela COVID-19.

Diante dessas questões, o presente trabalho se subdivide em tópicos. O primeiro constitui esta Introdução. No tópico 2, são apresentadas as referências que versam sobre o contexto da pandemia da COVID-19 e seus efeitos, ademais das questões de gênero e os desafios enfrentados pelas mulheres ao longo do tempo. Seção 3 apresenta a Metodologia do estudo e o caminho percorrido para que esta pesquisa se concretizasse. A seção 4 é dedicada a apresentar Resultados e Discussões, tendo como foco o sofrimento ocasionado às acadêmicas do curso de Turismo da UFMA, no enfrentamento das

adversidades geradas pela COVID-19. O último tópico se dedica a apresentar as conclusões principais do estudo, além das contribuições às investigações sobre gênero, além de expor as limitações do estudo e uma agenda de pesquisa.

2. A PANDEMIA DA COVID-19 E SEUS EFEITOS

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) as definições de surto, epidemia, pandemia e endemia são:

Os surtos são definidos por quadros de disseminação com números crescentes em pouco período de tempo, porém concentrados apenas em uma região [...] As epidemias são marcadas pelo crescimento de uma doença acima do esperado, espalhando-se rapidamente por diversas regiões [...] A endemia, por sua vez, não está relacionada apenas a dados quantitativos, leva-se em consideração o fato de ser peculiar a um povo, país ou região [...] Pandemia é o estágio mais grave de uma escala de incidência e pode ser decretada em casos onde uma patologia se espalha dentro de quadros epidêmicos por diversos países e continentes (FREITAS, 2020).

Isto posto, em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde tomou conhecimento de um vírus chamado SARS-CoV-2 (novo coronavírus), o qual ocasiona a doença chamada COVID-19 (OPAS, 2020a). Quase três meses depois deste fato, a OMS decretou o estado de pandemia e, por se tratar de uma doença altamente infecciosa (FREITAS, 2020), foi necessário adotar, em várias partes do mundo, diferentes medidas para contenção do contágio, a exemplo do distanciamento social ou, até mesmo, o isolamento social, enquanto medida mais drástica. Além disso, outras medidas sanitárias necessárias à segurança da saúde humana foram utilizadas: uso de máscaras, etiqueta respiratória e de higienização das mãos, limpeza e desinfecção de ambientes, isolamento de casos suspeitos e confirmados, e quarentena dos contatos dos casos de COVID-19, conforme orientação médica (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

No Brasil, foi promulgada a Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que dispõe sobre as medidas para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019 (BRASIL, 2020). Isto permitiu que medidas pudessem ser tomadas como isolamento, quarentena, determinação de realização compulsória de: exames médicos; testes laboratoriais; coleta de amostras clínicas; vacinação e outras medidas profiláticas, em nome de conter o avanço da doença.

Os números de casos de infecção no mundo chegaram a 646.926.650, enquanto os óbitos chegaram a 6.646.094. Já no Brasil, na página oficial Coronavírus Brasil, pode-se observar os números atualizados dos casos de infecção e óbitos pela COVID-19. No primeiro semestre de 2022, os casos de infecção, até o momento, estão em 30.977, já o número de óbitos permanece 666.516 (PAINEL CORONAVÍRUS, 2022). De acordo com o Google Notícias (2022), o número de vacinados no mundo, atualmente, está em 5.034.957.051, até 15 de dezembro de 2022.

No que concerne à economia brasileira, o impacto causado pela COVID-19 poderá ser sentido até 2045. Barbosa, Costa e Hecksher (2020) demonstraram que o impacto da pandemia na vida dos trabalhadores brasileiros foi desastroso, gerando um elevado nível de desemprego. Nesse estudo, as características que estavam mais associadas à perda de empregos foram sexo, idade, cor e escolaridade, ratificando que os mais prejudicados pela COVID-19, em relação à ampliação da desigualdade, enquadram-se em determinados perfis. Em outros termos, os trabalhadores foram afetados de maneira diferente no mercado de trabalho, entretanto alguns indivíduos foram mais afetados, sobretudo as mulheres que elevaram as suas chances de perder o emprego, em razão de situações como o aumento das atividades domésticas e de cuidado com familiares etc.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) divulgou, em maio de 2020, os resultados da pesquisa da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) referente ao trimestre de fevereiro a abril de 2020. Em 2 meses de pandemia, os impactos no mercado de trabalho foram sentidos na taxa de desemprego que atingiu 12,6%, representando 12,8 milhões de pessoas. As mais afetadas foram as mulheres, sobretudo negras, pelo fato de sua inserção produtiva se vincular a trabalhos domésticos informais, serviços de estética e por estarem em maior número na indústria, construção civil, transporte etc., áreas estas que tiveram profundos impactos ocasionados pela necessidade de distanciamento (MATTEI; HEINEN, 2020).

Assim como a pandemia impactou, negativamente, nações em termos das suas economias, com fechamento de empresas, negócios nas mais variadas indústrias, a COVID-19 também ocasionou prejuízos à saúde humana, tanto física, quanto psicológica (WOLFE; PATEL, 2021). Estes autores destacaram que os trabalhadores autônomos passaram por prejuízos na sua saúde mental, em virtude de maiores preocupações financeiras. Notaram, adicionalmente, que a diminuição de horas trabalhadas semanalmente ajudou a suavizar a pressão psicológica.

Esse impacto na economia gerado pela pandemia da COVID-19 (COOLICAN; BORRAS; STRONG, 2020) influenciou a precarização do bem-estar social, visto que está diretamente ligado ao acesso aos direitos fundamentais previstos na Constituição brasileira, os quais abarcam os direitos sociais referentes à educação, saúde, trabalho, previdência social, lazer, segurança, proteção à maternidade e à infância, e assistência aos desamparados (BRASIL, 1988).

O grande teórico Karl Marx (1988) defendia a redução da jornada de trabalho, ao entender que o capital atropela limites morais e físicos, impedindo o desenvolvimento pessoal e a manutenção das necessidades para o bem-estar, como o sono regular e o direito ao lazer, essencial para a sua recuperação vital. Tendo em vista que hoje a carga horária de trabalho no Brasil chega a 44 horas semanais, o apontamento de Marx ainda é bastante pertinente. O sistema em que estamos inseridos não leva em consideração que o trabalho é parte da nossa vida, não o todo. O modo de produção capitalista desmerece o bem-estar do indivíduo e estabelece uma lógica de precarização do trabalho. Esta precarização tendeu a ser ampliada, ainda mais, no contexto pandêmico (BEZERRA, 2020), sobretudo, a partir da intensificação de formas de trabalho que reduzem os direitos dos trabalhadores, a exemplo dos entregadores e motoristas por aplicativos.

Bezerra (2020) abordou, nesse sentido, a situação do aumento dos entregadores de aplicativo no primeiro ano de pandemia, os quais trabalham na informalidade, sem garantias trabalhistas, mas obrigados a se exporem frente aos riscos à saúde e devido à necessidade de garantir seu sustento em momento de altas taxas de desemprego. Inseridos nesse contexto, Lara e Hillesheim (2020) descreveram as condições de trabalho no Brasil construídas, historicamente, de forma racista e informal, em que a mão de obra assalariada foi direcionada a imigrantes, enquanto escravizados africanos foram deixados à própria sorte, processo esse que ditou a desigualdade e a forma como nosso país foi criado. Em tempos hodiernos, os autores asseveraram que a partir da aprovação da contrarreforma trabalhista se reduziu, ainda mais, a proteção social dos trabalhadores.

Isso posto, traz-se que, antes mesmo da pandemia, a situação trabalhista no país já vinha se tornando mais insegura. Como Antunes (2020) bem expôs, “o fenômeno da globalização, impulsionado pelas tecnologias e pela entrada do capital financeiro, turbinou novas formas e novas relações de trabalho”. Em acréscimo, Mendes (2021) advertiu sobre a uberização dos trabalhadores, termo esse que ficou conhecido pela adoção de trabalho informal e flexível dos aplicativos de serviços desencadeado pela alta

taxa de desemprego no Brasil. A uberização precarizou ainda mais a vida dos trabalhadores, pois além de acrescentar mais horas trabalhadas por um salário abaixo das expectativas para uma vida digna, não há direitos ou garantias.

Ademais de o trabalhador brasileiro ter salários desproporcionais com as horas trabalhadas e um ambiente laboral precário (SANTOS, 2021), o medo de contaminação ou morte, em decorrência da COVID-19, fez com que esses trabalhadores, por consequência, distanciassem-se dos seus grupos de familiares e amigos. Além disso, questões financeiras foram algumas das principais causas dos sintomas de estresse. Nesse sentido, Nabuco, Oliveira e Afonso (2020, p.5) ressaltaram que:

Dentre os principais estressores durante a pandemia pela COVID-19 destacam-se o medo da infecção, o isolamento físico, a inadequação das informações, a estigmatização e discriminação, as barreiras para vivenciar o luto daqueles que estão morrendo, além das perdas financeiras.

Sob outro prisma, destaca-se que algumas profissões lançaram mão do *home office*, durante o período pandêmico, totalizando, no território nacional, a adoção por 46% das empresas (MELLO, 2020). Os trabalhadores que tiveram a oportunidade de passar pela transição do espaço de trabalho físico para o *home office* obtiveram benesses, como o convívio com a família. Contudo, mesmo os que aderiram ao *home office* sofreram com essa mudança. Uma pesquisa feita pelo *LinkedIn*, em abril de 2020, apontou que 62% dos trabalhadores estavam mais estressados, 20% relataram dificuldades em conciliar o trabalho com os filhos e, embora estivessem mais produtivos, houve um impacto considerável na sua saúde física (TOBIAS, 2020). Cabe ressalva, nesse tema, para profissionais do transporte e limpeza pública, agentes da saúde, entre outros em que não haviam condições para o trabalho remoto (MARTINS, 2021).

Por fim, reforça-se que a pandemia da COVID-19 evidenciou, ainda mais, a desigualdade no Brasil, pois os efeitos da pandemia foram sentidos mais pelas mulheres, pretos e pardos por possuírem a menor renda na população brasileira. A pesquisa também mostrou que apesar do estresse desencadeado pela pandemia afetar a maior parte da população, os sintomas são sentidos com mais evidência conforme sua renda, escolaridade, cor da pele e gênero (C6BANK NOTÍCIAS, 2020), neste último caso, em especial, as mulheres.

2.1 Questões de gênero e os desafios impostos às mulheres

A questão do gênero é, antes de tudo, uma construção social, em que a forma como é concebida varia de cultura para cultura. Nesse sentido, Jesus (2021) alegou que:

Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. Logo, o conceito básico para entendermos homens e mulheres é o de gênero. Sexo é biológico, gênero é social. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

Sob o ponto de vista semântico, Guedes (1995) discorreu sobre vários conceitos acerca de gênero, masculino/feminino, homem/mulher presente no dicionário da língua portuguesa, além de percorrer estes conceitos por várias áreas e frisando também que eles podem variar quando se observa diferentes culturas. A autora apresenta o termo *mulher* tendo dois sentidos opostos, no qual o primeiro seria mulher santa/reprodutora e o segundo prostituta. No dicionário, a palavra *mulher* está resumida de forma simplória como reprodutora, o que difere do homem por esta característica (Ferreira, 1986). Guedes (1995, p.1168) pontuou que das várias definições que fazem referência ao vocábulo *mulher*, estes foram alguns dos resultados com o conceito de meretriz, em que somente duas denominações de mulheres não têm o significado assinalado como meretriz, quais sejam: "Mulher de César" e "Mulher de piolho".

"Mulher à toa", "Mulher de comédia", "Mulher de rótula", "Mulher de rua", "Mulher da vida", "Mulher de amor", "Mulher de má nota", "Mulher de ponta de rua", "Mulher de fado", "Mulher de fandango", "Mulher de mundo", "Mulher do pala aberto", "Mulher errada", "Mulher fatal", "Mulher perdida" e "Mulher vadia" (GUEDES, 1995, p.1168).

Quando se considera a palavra *homem*, por outro lado, o dicionário estabelece seu entendimento de maneira diametralmente oposta:

[...] qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que, apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva, o ser humano "dotado" das chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual etc.; Macho - Homem que é homem não leva desaforo para casa (Ferreira, 1986, p. 903).

Ao se atentar às conceituações estabelecidas, vê-se que a palavra *homem* não aparece de forma pejorativa. Logo, percebe-se que o patriarcado utiliza dois pesos e duas medidas para descrever e designar a função social de cada um, apenas de um ponto de vista que favoreça determinado sexo. Ao longo da história humana, temos estudos que afirmam

houve momentos em que o matriarcado foi dominante, dada a importância da maternidade. Contudo, o sexo masculino, através do autoritarismo e da opressão, impôs um fim ao sistema matriarcal e igualitário, consoante corroborado por Siqueira e Samparo (2017). O termo patriarcado, aliás, é entendido como:

[...] um sistema autoritário, cuja ausência de liberdade pessoal afeta ambos os sexos, de um lado as mulheres, as quais devem ser submissas e acatar ordens tidas como indubitáveis, e do outro os homens, que ficam restritos quanto aos modos de expressarem-se (ROCHA, 2009).

Destaca-se que o patriarcado se fez presente tanto na civilização oriental como ocidental, arrastando a misoginia por etapas da história e agregando, inclusive, as religiões como o Cristianismo que, com sua ascensão na Idade Média, subordinava as mulheres às figuras masculinas (SIQUEIRA; SAMPARO, 2017). Na Idade Moderna, no Renascimento, as mulheres puderam aos poucos se libertar das amarras e lutar por seu espaço na sociedade (ROCHA, 2009). Mas foi na Revolução Francesa, em 1789, que o movimento feminista se apresenta de forma política e expressiva pela luta contra a desigualdade social e a dominação patriarcal (GURGEL, 2010).

Devido ao número expressivo de mulheres na Revolução Francesa, a resistência feminina foi vista como ameaça pela Burguesia e, em 1793, foi proibida a reunião dos clubes de mulheres. Riot-Sarcey (2002, p.20 apud GURGEL, 2010) apresentou os argumentos que justificavam tais proibições:

Todos os habitantes de um país devem e gozam de direitos de cidadãos passivos, todos tem direito a proteção de sua pessoa, de sua propriedade, de sua liberdade, etc. mas nem todos tem o direito a ser parte ativa da formação do poder público; nem todos são cidadãos ativos. As mulheres [...] as crianças, os estrangeiros, aqueles que não contribuem em nada para o funcionamento público não devem, pois influenciar na coisa pública.

Tristan (1986, p. 123) colaborou na defesa dos direitos e da participação das mulheres na sociedade, expondo que:

Reclamo direitos para a mulher porque estou convencida de que todas as desgraças do mundo são resultado deste esquecimento e desprezo que existe até agora dos direitos naturais e imprescritíveis do ser mulher. – Reclamo direitos para a mulher porque esta é a única forma de nos ocuparmos de sua educação e da educação da mulher depende a do homem em geral e particularmente a do homem do povo. – Reclamo direitos para a mulher porque este é o único meio de conseguir sua reabilitação frente à Igreja, à lei e à sociedade, e esta reabilitação prévia é necessária para que todos os operários sejam eles próprios reabilitados. – Todos os males da classe operária se resumem nestas duas palavras: miséria e ignorância, ignorância e miséria. Então, para sair deste

labirinto só vejo uma maneira: começar por instruir as mulheres porque as mulheres são encarregadas de instruir meninos e meninas.

Diante desse pensamento, ratifica-se a relevância de se ter as mulheres nos mais amplos espaços da sociedade, de maneira ativa, reconhecendo seus potenciais e suas contribuições efetivas para a sociedade, as quais podem envolver, do mesmo modo, a formação dos indivíduos e que, de maneira crescente, reconheçam a relevância da igualdade de gênero. No entanto, deve-se reconhecer que, passados os séculos e embora tenha havido uma evolução em termos da participação feminina nos diversos espaços de trabalho, pesa sobre as mulheres a maior responsabilidade na compatibilização da dupla ou tripla jornada (vida profissional, familiar e educacional) (CORRÊA, 2004; AMARAL; VIEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2020).

Nas últimas décadas, a sociedade brasileira sofreu profundas transformações demográfica, socioeconômica e cultural, repercutindo na vida doméstica, em que houve redução no tamanho das famílias, mas que cresceu a presença feminina como chefes de família (IBGE, 2000). Em outros termos, a diminuição na quantidade de filhos e a participação feminina na População Economicamente Ativa (PEA), em que se estima que a presença feminina no mercado de trabalho deva chegar a 64,3%, em 2030, ou seja, 8,2 pontos percentuais acima da taxa de 1992 (IPEA, 2019). Esses números ainda não são superados pela discriminação no mercado de trabalho e normas culturais.

O mercado de trabalho sempre foi, visivelmente, masculino e, comumente, misógino. Um ambiente marcado pela desigualdade de gênero, em que mulheres com o mesmo perfil de escolaridade e ocupação ganham 20% a menos do que os homens no Brasil (ALVARENGA, 2022). A desigualdade de gênero não permanece somente no mercado de trabalho, mas em todas as outras áreas ao longo de suas vidas. Com a participação das mulheres no mercado de trabalho e na divisão das responsabilidades financeiras no lar, os cuidados domésticos e com os filhos também deveriam entrar na divisão de responsabilidades entre homens e mulheres, mas não é exatamente assim que acontece (AMARAL; VIEIRA, 2009). Biroli (2018) reforça este entendimento, ao afirmar que as mulheres dedicam o dobro do tempo dos homens às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos.

A este respeito, Corrêa (2004) argumentou que, embora as mulheres tenham obtido conquistas, elas permanecem como as responsáveis pelo trabalho doméstico, cumprindo

uma dupla ou até tripla jornada de trabalho. Não em vão, o público feminino lidera os índices de doenças profissionais, como o estresse profissional, cuja causa tende a ser essa sobrecarga de tarefas. Este argumento é corroborado pela investigação de Ferreira et al. (2017), a qual identificou que mulheres em cargos de média/alta gerência em hotéis de São Luís do Maranhão apresentam dificuldades com as suas múltiplas jornadas (carreira, estudo e família), além da resistência de subordinados à sua posição de líderes na organização.

Laufer (2003) já havia destacado que “agora, iguais de direito, as mulheres permanecem desiguais de fato”. Assim, ratificou que a desigualdade se expressa em três âmbitos: na esfera profissional, as mulheres permanecem abaixo do patamar salarial e na ocupação de cargos em relação aos homens; no aspecto social, elas estão sujeitas aos papéis de esposas e mães, o que as coloca em situação de dependência; no âmbito familiar, o público feminino sofre com as desigualdades da divisão sexual do trabalho doméstico.

Um adendo em relação a este contraponto, foi exposto por Grossi (2006) acerca das circunstâncias que envolvem as carreiras das mulheres, as quais precisam conviver com opiniões machistas sobre procriação, o que as conduzem a desistir da maternidade ou postergarem. Esta situação foi observada em um estudo com mulheres atuantes no setor hoteleiro (FERREIRA et al., 2017) e é reiterada na passagem subsequente:

Muitas mulheres optam por não terem filhos, pois percebem na maternidade um obstáculo, algumas vezes, intransponível. Como conciliar profissão e maternidade tem sido um dos dilemas apresentados nas biografias de cientistas, artistas e literatas do século XX (GROSSI, 2006, p. 252).

No contexto de pandemia da COVID-19, a sobrecarga das duplas, triplas ou múltiplas jornadas que já era preocupante, agora se agravou. Oliveira (2020) destacou que, em um cenário de instabilidade política, econômica e social, as mulheres carregam, majoritariamente, os custos físicos e emocionais mais pesados. O acúmulo de funções, acentuado pela desigualdade de gênero, faz com que elas desencadeiem uma sobrecarga mental e um possível comprometimento na qualidade de seus afazeres materno e doméstico. E a pandemia escancarou, ainda mais, os desafios impostos a mulheres-mães. “Quando o foco são os cuidados com as crianças pequenas, a situação de sobrecarga das mulheres é ainda mais evidente” (OLIVEIRA, 2020, p.157).

Autora citada acima alertou, outrossim, que para estas mulheres responsáveis pela renda familiar, a divisão sexual do trabalho, que já era desigual, agravou-se na quarentena.

Moraes (2020), em complemento, ressaltou que o confinamento devido à COVID-19 elevou os níveis de estresse, comprometendo a qualidade de sono e, por conseguinte, a saúde física e mental. Destaca-se que, em momentos de crise como o vivido na presente pandemia, que as interações sociais são ainda mais necessárias, sobretudo contar com uma rede de apoio familiar.

Em decorrência das restrições impostas pela pandemia, houve a necessidade, também, de ajustamento para o *home office*/trabalho remoto nos mais distintos campo de atuação profissional, entre eles, o ensino. Nesse sentido e inserido no contexto de gênero, Oliveira (2020, p.159) bem destacou que:

Mesmo no caso de pesquisadoras e cientistas, trabalhadoras privilegiadas em termos de garantia da renda frente à maior parcela das mulheres-mães, manter-se produtiva acadêmica-cientificamente sem comprometer a qualidade da maternagem é um desafio.

Quando se falam de mulheres em carreiras acadêmicas, é nítida a sobrecarga diante dos entraves existentes para dar conta de múltiplas jornadas e manterem sua produção acadêmica aceitável dentro da universidade (MENDES, 2020). Com a virtualização do ensino (PAZOS et al., 2020), a qual impactou tanto discentes quanto docentes (BAKER et al., 2020), intensificou-se a sobrecarga laboral na pandemia (SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021) e, conseqüentemente, ampliando às mulheres o desafio de compatibilizar rotinas domésticas e acadêmicas (FERREIRA; FONSECA FILHO, 2020). Foi nesse sentido que Perrotta (2021) defendeu a solidariedade entre a comunidade acadêmica para realizar o enfrentamento da pandemia. Inserido nessa lógica, Woolf et al. (2014) expuseram que para uma mulher escrever, ela precisa de uma fonte de sustento financeiro e um espaço reservado para a sua produção intelectual. Essas percepções ilustram que a necessidade de um lugar (físico e mental) de tranquilidade e concentração é essencial para que o trabalho intelectual possa ser realizado.

No início da pandemia, houve muitos comentários sobre as possibilidades de elevação da produtividade, haja vista que, supostamente, haveria mais tempo disponível por se evitar deslocamentos até o local de trabalho e poder ajustar horários para produzir. Esse pensamento foi, de longe, um dos mais equivocados, uma vez que o trabalho doméstico resultou, para as mulheres, em uma carga extra e, por consequência, um entrave na sua produtividade acadêmica, a exemplo do que salientou Santos (2016, p.805): “O peso da responsabilidade conferida pelas atividades relativas ao âmbito

doméstico, familiar, ainda aparece como um dos aspectos que mais dificulta a inserção, permanência e o reconhecimento das mulheres na carreira científica”.

Em um estudo realizado com estudantes de pós-graduação brasileiros, Leite et al. (2020) verificaram que os principais impactos da pandemia da COVID-19 na vida acadêmica se relacionaram a problemas no planejamento para participar de eventos científicos, dificuldades para cursar disciplinas e receber orientações, além de reduzir a produção científica e se envolverem com adversidades no cumprimento de prazos junto à universidade e às agências de fomento. Na diferenciação por gênero, os autores constataram que as mulheres passaram por adoecimento físico e sofrimento psíquico, em decorrência das mudanças provocadas pela pandemia, muito mais do que os homens.

Outro tema sensível que envolve o universo feminino se relaciona à violência contra as mulheres, definida pela Organização Pan-Americana da Saúde (2020b) como “qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada”. A este respeito, Butler (2015, p. 46-47) problematizou que:

[...] a condição precária designa a condição politicamente induzida, na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Essas populações estão mais expostas a doenças, pobreza, fome, deslocamentos e violência, sem nenhuma proteção. A condição precária caracteriza a condição, politicamente induzida, da precariedade para populações expostas à violência arbitrária do Estado que, com frequência, não tem opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção.

Nesse aspecto, é importante ressaltar que, no Brasil, há leis de proteção às mulheres, como a Lei Maria da Penha (CORRÊA, 2011) e a Lei do Feminicídio¹ (BRASIL, 2015), para que se faça justiça contra seus agressores e assassinos, respectivamente. No art. 5º da Lei Maria da Penha se explicita que “configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006).

Esses dispositivos legais se mostram de suma importância diante dos já alarmantes indicadores sobre a violência de gênero no cenário nacional internacional. De acordo com

¹ Lei nº 13.104/2015, a qual prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio (BRASIL, 2015).

a OPAS (2022b), uma em cada três mulheres, em todo o mundo, sofre violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida. Alguns dados que ilustram essa situação alarmante: 42% das mulheres vítimas de violência por parte dos parceiros relataram lesões como consequência da violência; 30% que estiveram em um relacionamento mencionaram ter sofrido violência física e/ou sexual por parte de seu parceiro; e 20% alegaram ter sido vítimas de violência sexual na infância. Percebe-se, assim, que as vítimas de violência sofrem, sobretudo por força dos parceiros, no âmbito em que as mulheres deveriam considerar seguro. A violência contra a mulher é um problema mundial, no entanto, as políticas públicas de enfrentamento a violência doméstica, familiar e/ou de gênero ainda não frearam o avanço deste tipo de violência.

Com a pandemia provocada pelo novo coronavírus, assentou-se, ainda mais, os casos de violência doméstica (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020). O problema é que, na pandemia, com as restrições de isolamento, a violência dos parceiros ficou ainda menos perceptível, visto que os casos de violência contra a mulher ocorrem dentro de casa. A campanha “Fique em casa” (PORTAL DO GOVERNO DE SÃO PAULO, 2020), divulgada por muitos governos estaduais, previa o lar como um espaço seguro. No entanto, medidas como essas, necessárias à redução dos contágios da COVID-19, acarretaram em problemas ao universo feminino. Prova disso é que, durante o período de isolamento social, os casos de violência doméstica tiveram um aumento significativo de 14,1%, somente nos 4 primeiros meses de 2020, em relação ao ano de 2019 (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020).

Em um contexto internacional, países como a França adotaram denúncias de forma discreta para proteção da vítima e realocando-as em hotéis. Essa foi uma medida para reduzir a taxa de violência doméstica, uma vez que muitas mulheres não estavam seguras em suas casas e dependiam, financeiramente, de seus parceiros. Nesse aspecto, Bianchini (2020) pontuou que, no Brasil, as mulheres, sobretudo negras, estão mais sujeitas à informalidade do que homens, logo, mais vulneráveis economicamente sujeitas a uma maior precariedade do emprego na pandemia. Por fim, reforça-se, ainda, que os casos de feminicídio também aumentaram no Brasil, sobretudo entre fevereiro e maio de 2020, momento em que a COVID-19 impôs as medidas restritivas mais severas e exigindo que as pessoas ficassem reclusas em suas casas (FBSP, 2022).

3. METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza exploratória, qualitativa e descritiva (FLICK, 2009), realizado junto a 11 acadêmicas do curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão. O quantitativo de discentes ativos nesse curso é de 312 alunos, no qual 199 são mulheres (63,7%). Para se atingir o público-alvo da pesquisa, utilizou-se a técnica da bola de neve (Quadro 1), tendo como critério de escolha uma amostra intencional. Para determinação amostral, lançou-se mão da técnica de adesão e saturação teórica.

Quadro 1 – Caracterização da amostra

Entrevistada	Idade	Trabalha	Filhos	Raça	Período
A	25	Sim	Não	Branca	Finalizado
B	26	Sim	Não	-	7º
C	28	Sim	Não	Branca	Finalizado
D	22	Sim	Não	Parda	8º
E	24	Sim	Não	Parda	7º
F	25	Sim	Não	Preta	1º
G	27	Sim	Não	Parda	Sem período definido
H	26	Não	Sim	Branca	Sem período definido
I	23	Sim	Não	Branca	Sem período definido
J	26	Sim	Não	Branca	Sem período definido
K	35	Sim	Sim	Preta	Sem período definido

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu a partir da utilização de um roteiro semiestruturado baseado na bibliografia específica utilizada neste trabalho (Quadro 2). Foram levantadas categorias, quais sejam impactos da pandemia; dupla/tripla jornada; Relacionamentos interpessoais e profissionais; Ensino Remoto Emergencial; Desempenho acadêmico; Sofrimento mental; Violência doméstica; as quais foram sistematizadas, *a posteriori*, na identificação dos impactos da pandemia às acadêmicas, além das dificuldades que estas enfrentaram em suas vidas profissional, acadêmica e pessoal/familiar.

Quadro 2 – Categorias e subcategorias da pesquisa

Categorias	Questionamentos	Referências
Impactos da pandemia da COVID-19	1. Como você tem vivenciado/vivenciou a experiência do isolamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19? Comente a respeito dos aspectos positivos e negativos para a sua vida nesse período de pandemia.	Xavier et al. (2020)

Dupla/tripla jornada	2. Quais dificuldades/facilidades você vem tendo/teve para conciliar a vida pessoal (família, amigos, lazer...) com a acadêmica (estudo/trabalho) durante a pandemia? Relate, se possível, no que a pandemia dificultou e/ou facilitou essa compatibilização de interesses e responsabilidades. 3. Você conseguiu manter as atividades acadêmicas ou precisou trancar o curso/afastar-se do trabalho? Comente.	Amaral e Vieira (2009) Xavier et al. (2020)
Relacionamentos interpessoais e profissionais	4. O isolamento social afetou positiva ou negativamente o seu relacionamento com as pessoas que moram e/ou convivem com você, a exemplo de amigos(as)/colegas de trabalho (mais estresse e discussões que o normal; brigas etc.; maior proximidade com o convívio familiar, atuação com colegas fisicamente distantes)? Comente. 5. E no ambiente acadêmico, houve uma melhoria ou piora na qualidade dos relacionamentos com alunos(as)/professores(as)? Comente.	Xavier et al. (2020)
Ensino Remoto Emergencial	6. Você precisou estudar/trabalhar em regime remoto (online) por conta da pandemia? Comente os aspectos positivos e/ou negativos dessa transição para o contexto online de estudo/trabalho?	Baker et al. (2020) Pazos et al. (2020)
Desempenho acadêmico	7. O seu desempenho acadêmico (notas, quantidades de publicações, cumprimento de prazos etc.) melhorou ou piorou durante a pandemia da COVID-19? Explique como isso aconteceu? 8. Você considera que algo poderia ter sido realizado – por você, pela IES e/ou pelo Governo – para influenciar positiva ou negativamente seu desempenho acadêmico?	Santos (2016) Xavier et al. (2020)
Sofrimento mental	9. A pandemia desencadeou em você alguma doença/síndrome/transtorno que resultou em alterações em sua vida acadêmica? 10. O que você tem feito para melhorar seu bem-estar/qualidade de vida diante da continuidade da pandemia da COVID-19?	Robbins et al. (2011)
Violência doméstica	11. Teve contato com algum caso de violência doméstica nesse período de pandemia? Se sim, esta situação afetou a sua vida de alguma forma? Comente.	Monteiro et al. (2020)

Fonte: Elaboração própria baseada nas referências da pesquisa.

As entrevistas em profundidade foram realizadas, entre 15 de fevereiro de 2022 e 16 de março de 2022, gravadas mediante o consentimento dos sujeitos da pesquisa (APÊNDICE A) (VEAL, 2011), com auxílio do aplicativo *WhatsApp*², seguindo as preferências das investigadas. Faz-se adendo que, para duas entrevistadas, as respostas foram escritas por elas mesmas. O horizonte temporal da coleta foi influenciado pela pandemia da COVID-19, situação que exigiu a coleta no formato, exclusivamente, remoto, a fim de que fossem evitados deslocamentos e contatos sociais. A partir das gravações, procedeu-se à transcrição dos áudios, a qual resultou em um *corpus* de 28.736 palavras e uma média de 21 minutos por entrevista. Posteriormente, empregou-se a técnica de Análise de Conteúdo (HSIEH; SHANNON, 2005).

² Na coleta, enviou-se o roteiro semiestruturado para as entrevistadas para que respondessem por áudio cada um dos questionamentos realizados. Assim, já se tinha o registro das falas para posterior transcrição e análise.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De antemão, tratar-se-á sobre os impactos – positivos e negativos – advindos da pandemia sobre a vida das acadêmicas do curso de Turismo da UFMA (Quadro 3). Com relação aos impactos positivos, foram identificadas sete subcategorias: *Reduzir/Eliminar deslocamentos; desenvolvimento de competências; valorizar o cotidiano; Maior convivência com familiares; conseguiu emprego e/ou estágio; possibilidade de estudar remotamente; iniciou terapia.*

Quadro 3 – Impactos da pandemia sobre a vida das acadêmicas

Categories	Subcategorias	Depoimentos	Quem disse?
Impactos positivos	Possibilidade de estudar remotamente	[...] tem sido mais fácil, pois [...] como a universidade ainda está em ensino remoto, então podemos assistir aula de qualquer lugar e aproveitar isso, usar esse fator como aliado [...] eu moro bem longe da faculdade.	B
		A facilidade pra mim atualmente é que eu fico tempo integral no meu trabalho [...] quando voltar as aulas eu não sei como vou fazer porque eu não posso me ausentar do meu próprio negócio.	E
		[...] tive a possibilidade de voltar pro meu curso [...] apesar da dificuldade pra muita gente, pra mim facilitou porque eu sendo mãe , eu estava perto da minha filha [...] porque eu estava conseguindo assistir a aula tranquilamente [...] facilitou você só abrir o computador e está lá já estudar e pronto isso facilita bastante dá até uma qualidade de vida	H
		[...] eu consegui adiantar a disciplina que precisava adiantar , consegui por um tempo, obviamente, conciliar estágio, estudos. Amigos [...] consegui finalizar as atividades, provas, trabalhos. Eu consegui fazer todo tudo à risca [...] tenho que citar uma coisa positiva, alguns professores conseguiram trazer palestrantes de fora das áreas afins pra palestrar.	I
		A gente pode ressaltar enquanto positivo foi as oportunidades que surgiram no sentido da disseminação de conhecimento através das plataformas virtuais, foi muito positivo. Porém, ele requereu uma necessidade de gestão extremamente eficaz porque as oportunidades estavam postas, nesse sentido acadêmico, mas elas precisavam ser conciliadas com outras demandas.	K
	Reduzir/eliminar deslocamentos	[...] acredito que o único aspecto positivo foi de estar evitando um deslocamento [...] conseguia otimizar e organizar minha rotina com base nesse tempo livre [...] seria o tempo em que eu estaria me deslocando ou de casa pra faculdade ou da faculdade pro estágio.	A
	Desenvolvimento de novas competências	eu descobri habilidades que eu não sabia que tinha [...] aprendi a me reinventar, tanto pra o período de curso. Do meu período de estudos enquanto graduação [...] Novas maneiras de fazer diversas atividades, de fazer pesquisa, de dar continuidade a projetos.	C

	Valorizar o cotidiano	Foi positivo no sentido de valorizar pequenas coisas que eram comuns e passavam despercebidas como respirar sem medo, não precisar usar máscara, abraçar os amigos.	B
	Maior convivência com familiares	As atividades elas continuavam sendo desenvolvidas [...] todo mundo compreendia muito bem que não era só porque eu ou fulano estava em casa que estaríamos nos sentindo bem.	A
		[...] foi porque eu estava muito tempo sem ver o meu pai [...] por conta da pandemia, eu consegui ter o meu ambiente familiar formado unido de novo, sabe?	D
		[...] teve muitas melhorias com a pandemia [...] Com a família ajudou porque a gente passa o dia no trabalho e só se encontra geralmente a noite então [...] pode ter esse convívio mais de perto, fazer as refeições juntos.	E
	Melhoria nos relacionamentos com colegas e professores do curso	[...] houve essa melhoria [...] na qualidade dos relacionamentos com os alunos. Com os professores [...] não tive problema de fato com nenhum professor [...] acredito que cada um contribuiu de uma forma muito positiva pra minha formação.	C
		[...] teve uns professores que tiveram [...] mais tempo pra dar atenção pros alunos mais individual [...] antes eles viviam na correria, de grupo de pesquisa e Doutorado e essas coisas assim.	E
		[...] houve uma melhoria na relação professores e alunos porque alguns conseguiam se colocar num lugar do aluno [...] os professores tiveram uma paciência [...] tinham alunos [...] que não tinham os meios pra acessar a aula, alguns não estavam com o emocional bom pra determinados dias [...] alguns casos, eu tenha tido alguma dificuldade e prazos perdidos, mas os professores foram uns anjos comigo, entenderam a situação e deu tudo certo.	I
		[...] com meus colegas de faculdade, nosso relacionamento até melhorou , se estreitou mais, me aproximei mais de alguns para além dos assuntos acadêmicos [...] por mais próximos que fôssemos, nossos assuntos se limitavam muito aos assuntos da faculdade, mas, agora, são pessoas realmente mais próximas.	J
	Conseguiu emprego e/ou estágio	[...] quando as coisas foram começando a melhorar, as restrições foram sendo flexibilizadas eu consegui um emprego , que já estava nas ultimas parcelas do auxilio emergencial então eu precisava de alguma outra forma de ganhar dinheiro.	F
		[...] foi quando consegui um estágio porque me fez sair de casa e eu comecei a ver pessoas [...] eu via essas pessoas [...] fugindo da minha realidade que é o meu mundo dentro de casa. Então, foi o único lado positivo da pandemia. Foi que conseguimos no meio ao caos essa oportunidade.	I
	Iniciou terapia	Nesse período, comecei a fazer terapia , o que dentre toda a parte negativa é algo positivo, mesmo que eu tenha começado por estar muito mal. Com o tempo eu acho que fui acostumando a esse cenário , é como se hoje eu sentisse que me adaptei a tudo isso.	J
Impactos negativos	Medo de contrair ou perder familiares/amigos	No começo foi bem difícil, não poder sair, ter pessoas de risco na família, estar constantemente em	B

		preocupação por essas pessoas , mas com o passar do tempo fui me adaptando aprendendo a lidar.	
	Infecção por COVID-19	[...] primeiro ano de pandemia, fiquei em casa cumprindo o isolamento social junto com minha família, mas o segundo ano não deu, tive que voltar a trabalhar, meu padrasto também, somente minha mãe ficou em casa. Peguei COVID 2 vezes.	E
	Perdas de familiares/amigos	[...] nas perdas que tivemos não só de “liberdade”, mas também de amigos e familiares próximos.	B
		Eu perdi alguns conhecidos.	E
		Eu perdi contato com as pessoas que eu tinha , tipo perdi o networking total. Então fiquei muito tempo isolada.	H
		Com os meus amigos [...] no início a gente arrumava jeitos de fazer algo juntos [...] com o tempo todo mundo foi ficando mais cansado [...] uma das minhas amigas perdeu três pessoas da família pra COVID e isso mudou ela profundamente [...] é como se nós fossemos pessoas totalmente diferentes de antes da pandemia.	J
	Perda da convivência com familiares e amigos	[...] e os negativos são vários, eu perdi o convívio com meus colegas [...] adiei viagens etc.	E
		Fiquei sozinha literalmente , aliás, só tinha a companhia do meu namorado e a minha família toda estava no interior e não podia ver eles por causa do lockdown , não queria viajar pra lá também por conta da minha família que tem idoso, minha vó, minha tia, eu não queria correr o risco de levar o vírus pra eles porque aqui em São Luís a situação estava pior que lá nessa época.	F
		Com os amigos, eu não tenho mais tanta convivência a acaba perdendo esse contato até tento ter, mas eu nunca consigo manter [...] antes eu me sentia totalmente acolhida, pertencente ao grupo e após isso sinto que eu nem pertencço mais à universidade. Estou só cumprindo o meu papel mesmo [...] tu mudas até tuas perspectivas.	H
		[...] a quantidade de horas que a gente fica na frente de uma tela triplicou e acabou que a disposição de ter interações sociais, no meu caso, diminuiu muito [...] foi um processo que ao mesmo tempo eu consegui ter conexões com pessoas que estavam distantes de mim, eu me distanciei das pessoas que estavam próximas em termo de territorialidade [...] só evidenciou a qualidade das relações, as relações que eram saudáveis elas só fortaleceram e foram de fato uma válvula de escape e as relações que já eram complexas, somaram a esse peso psicológico do cenário cotidiano.	K
	Problemas financeiros	Do ponto de vista financeiro as coisas ficaram ruim [...] tinha acabado de sair do estágio e foi quando aconteceu os primeiros casos de isolamento [...] foi quando começou questão de lockdown [...] não tinha como me sustentar, porque eu moro de aluguel e tinha várias contas pra pagar e ficou inviável fazer isso porque eu não tinha da onde tirar dinheiro [...] foi quando veio o auxílio emergencial e as coisas melhoraram um pouco nesse sentido.	F

		[...] voltar pra casa dos meus pais foi uma coisa que foi necessário por questão de emprego [...] gastos também. Então, eu tive que vir e foi uma mudança brusca na minha vida, acabou que isso gerou um pouco de estresse.	G
		[...] foi particularmente difícil, pois meu pai ficou desempregado e minha mãe, que trabalha em escola, teve o salário diminuído também. Além disso foi um período de muita preocupação pois de início a gente não sabia quando a vacina iria chegar e eu tinha muito medo de perder alguém.	J

Fonte: Elaboração própria.

A respeito da primeira subcategoria, *possibilidade de estudar remotamente*, algo necessário para mitigar a contaminação pelo novo coronavírus (PAZOS et al., 2020), foi reforçada pelas estudantes-mães como algo positivo, visto que o ERE deu maior flexibilidade para conciliar os estudos com as demais atividades cotidianas, principalmente a necessidade do cuidado com seus filhos. A este respeito, Oliveira (2020) já havia ilustrado anteriormente a dificuldade recorrente de mulheres-mães em se manterem produtivas academicamente sem comprometer a qualidade da maternagem. Ademais, conciliar profissão e maternidade constitui desafio histórico às mulheres (GROSSI, 2006). Percebe-se que a maternidade para o gênero feminino tem um peso superior nas decisões em outras áreas de sua vida, pois trata de uma tarefa que exige comprometimento e responsabilidade com outro ser humano. Destaca-se, ainda, uma fala de Corrêa (2004), sobre a responsabilidade maior atribuída à mulher acerca do trabalho doméstico, a qual deve cumprir uma dupla jornada. Este posicionamento se coaduna ao relato da Entrevistada K a qual destacou que as oportunidades acadêmicas oferecidas na pandemia “precisavam ser conciliadas com outras demandas”.

Com a chegada da COVID-19, as acadêmicas puderam *reduzir/eliminar deslocamentos*, para o trabalho, estágio e/ou faculdade. Observa-se a referência ao fator tempo para que as mulheres pudessem otimizar seus afazeres, todavia que também trata da questão financeira, algo que, no início da pandemia, foi entendido como fundamental para a redução de custos, uma vez que essa crise sanitária impactou fortemente a renda das famílias (MUJICA et al., 2020; WOLFE; PATEL, 2021). Aproveitando o maior tempo disponível, as entrevistadas se voltaram ao *desenvolvimento de competências* úteis em algumas áreas de sua vida, mas também ao seu cotidiano acadêmico. Cabe ressaltar aqui de que, ao longo da pandemia, careceram competências atitudinais – como automotivação e disciplina – aos discentes brasileiros para enfrentarem o momento de adversidade (CALDEIRA; SUDRÉ; PEREIRA, 2020).

Valorizar o cotidiano, diante dos efeitos negativos e evidentes da COVID-19 (MUJICA et al., 2020), mostrou-se como algo relevante às discentes para enxergar possibilidades melhores diante de um cenário de tanta incerteza e que exigiu o isolamento social. Assim, as estudantes valorizaram, sobremaneira, a *maior convivência com familiares*, com reforço a união de seus núcleos familiares. Aqui, vale ressaltar que um dos principais estressores durante a pandemia foi, justamente, o isolamento físico (NABUCO et al., 2020), situação que acabou aproximando as pessoas que, mesmo residindo no mesmo espaço, não tinham tanta convivência por incompatibilidade de rotinas. Outro efeito positivo da pandemia foi a *melhoria nos relacionamentos com colegas e professores do curso*, refletido fortalecimento da amizade entre os discentes, além da compreensão e solidariedade dos docentes quanto às demandas de sala de aula, algo que Perrotta (2021) defendeu como *sine qua non*, ao enfrentamento da pandemia. É bem provável que situações como essas tenham motivado a postura, mais compreensiva e flexível, dos educadores em recomendar cumprimento de tarefas e trabalhos de forma assíncrona (ANDRADE et al., 2022).

Em outro sentido, uma das entrevistadas *conseguiu emprego e/ou estágio*, na contramão da onda de demissões ocorrida na pandemia (BARBOSA et al., 2020), que afetou, sobretudo o público feminino (MENDES, 2020), em especial, as mulheres pretas (BIANQUINI, 2020; C6BANK NOTÍCIAS, 2020). A Entrevistada F relatou que conquistou o emprego após a flexibilização do isolamento social, enquanto a Entrevistada I pontuou a entrada em um estágio como uma conquista positiva que lhe foi útil para voltar a socializar. Por fim, uma investigada destacou que *iniciou terapia*, demonstrando o cuidado com a saúde mental sendo priorizado, pois o contexto da pandemia foi responsável por desencadear ou agravar quadros de adoecimento mental (MORAES, 2020; WOLFE; PATEL, 2021).

No que se refere aos impactos negativos, foram levantados cinco efeitos às acadêmicas. Inicialmente, *o medo de contrair ou perder familiares/amigos, infecção por COVID-19 e perdas de familiares/amigos* foram alguns dos impactos mais devastadores à saúde física e mental das pessoas, algo que exigiu das organizações apoio psicológico aos seus colaboradores/participantes (KRAUS et al., 2020). Outro fator que tendeu agravar o sofrimento das acadêmicas tratou da *perda da convivência com familiares e amigos*, inclusive de escassez de contato por meios eletrônicos, lembrando que o isolamento físico constituiu um dos principais fatores de estresse na pandemia (NABUCO et al., 2020). Faz-se ressalva, aqui, à fala da Entrevistada H que relatou um sentimento de

falta de pertencimento ao grupo social que convivia e até à própria universidade, algo que pode reforçar as dificuldades amplificadas às mulheres-mãe, especialmente pelo fato dessas mulheres carecerem de acolhimento por parte da universidade. *Problemas financeiros* foi uma questão emergiu também nos discursos de algumas investigadas e ratifica as perdas econômicas ocasionadas pelo fechamento dos negócios (KRAUS et al., 2020; MUJICA et al., 2020). Interessante notar aqui que, enquanto havia alunas sentido a falta do seu núcleo familiar de origem, por outro lado a necessidade de voltar a morar com os pais, para cortar custos, gerou atritos.

No Quadro 4, traz-se as principais dificuldades das mulheres relacionadas a sua vida profissional. A primeira delas versa sobre *dificuldade em compatibilizar dupla/tripla jornada* e ratifica o estabelecido na literatura específica, a respeito da sobrecarga imposta ao público feminino no cumprimento das suas diferentes jornadas (CORRÊA, 2004; AMARAL; VIEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2020). No caso das investigadas, evidenciou-se a dificuldade de gerenciar o tempo disponível para realizar cada uma de suas tarefas profissionais, acadêmicas e/ou familiares. Reitera-se que este é um achado já identificado em estudo anterior com trabalhadoras que atuam na mesma área profissional das entrevistadas (FERREIRA et al., 2017). Ademais, em especial para as acadêmicas com filhos, ainda que tenham reforçado a possibilidade de estudar remotamente como um efeito positivo (Quadro 3), elas enfatizaram uma sobrecarga nas múltiplas jornadas o que se mostrou responsável pela *necessidade de se afastar do trabalho*, principalmente para quem ocorreu a *impossibilidade do trabalho remoto*. Entre as entrevistadas, três precisaram se afastar ou sair de vez do emprego para poder se dedicar à vida acadêmica. Mais uma vez, nota-se que, embora exista uma maior participação feminina no mercado de trabalho, para muitas, o desafio de equilibrar os seus variados interesses, profissionais, familiares e/ou educacionais, ainda é recorrente (CORRÊA, 2004; AMARAL; VIEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2020).

Quadro 4 – Dificuldades relacionadas à vida profissional das entrevistadas

Subcategorias	Depoimentos	Quem disse?
Dificuldade em compatibilizar dupla/tripla jornada	No início da pandemia, eu dividia a casa com os familiares e, no início, é um pouco difícil a gente se adaptar e distinguir o que é trabalho acadêmico, o que é estágio e o que são as tarefas de casa . Então, como eu estava em casa, 24 horas por dia, meio que bagunçava, misturava as rotinas . Eu estava assistindo uma aula, eu estava com um fone de ouvido e estava fazendo outra coisa pra casa.	A
	Tive dificuldade no período de estudos porque é uma nova realidade você tá dentro da sua casa 24 horas por dia [...] estudar ficou mais difícil, trabalhar, ficou mais difícil, ter reuniões ficou mais difícil , porque tem muitas pessoas dentro da casa, tem muitas pessoas fazendo suas atividades,	C

	praticamente que no mesmo tempo, então não dava pra assistir 100% de aula [...] nem todos os professores entendiam 100% que as realidades não eram iguais pra todos.	
	Estudo e trabalho [...] tinha as cadeiras de manhã aí a tarde eu ia pro museu , fazer almoço aqui em casa fazer as coisas e tentava cuidar da vida da melhor forma possível.	D
	As minhas notas se mantiveram [...] nunca fui um valor abaixo da média [...] dificultou [...] continuar no grupo de pesquisa. Tive que sair [...] fiquei sem tempo porque abri uma empresa durante a pandemia. Então, não conseguia acompanhar [...] parei minha pesquisa.	E
	Foi difícil conciliar a faculdade com meu trabalho pelo fato do meu trabalho ser a noite e as aulas pela manhã, mesmo as aulas sendo online [...] consegui um emprego, só que ficou difícil de conciliar com as aulas estavam sendo online por conta do meu emprego que era a noite, trabalhava em um restaurante, e eu chegava muito tarde, às vezes de madrugada e as aulas eram de manhã cedo , e eu não tinha disposição pra acordar e foi ficando bem difícil, bem complicado minha situação acadêmica.	F
	Minha relação com academia já era uma relação conflitante [...] uma vez que eu não conseguia acessar toda as oportunidades que estavam postas na academia [...] era muito difícil pra mim participar de grupos de extensões, de pesquisa, porque eu tinha que optar em vivenciar essa experiência ou trabalhar, ou administrar a família, os meus filhos [...] se a maternidade já traz de certa forma um isolamento imagina isso dentro de um contexto pandêmico [...] acabava que a gente pra conseguir conciliar essas várias demandas, às vezes a gente passa por um processo de auto violação, de acabar não respeitando seus próprios limites.	K
Necessidade de se afastar do trabalho	Um dos motivos que eu decidi sair do meu emprego porque eu não estava conseguindo conciliar e como eu já estou no final do curso [...] quero me dedicar ao máximo pra eu me formar logo e o trabalho não estava me ajudando então eu tive que largar e agora eu trabalho de forma autônoma [...] não precisei trancar o curso, mas precisei sair do trabalho pra que as coisas fluíssem melhor e que eu conseguisse conciliar pelo menos minhas atividades de casa com a faculdade porque, trabalho com faculdade, não estava dando.	F
	[...] recentemente, tive que pedir afastamento da secretaria do trabalho porque eu tinha que concluir a minha monografia e passar pro processo de revisão. Então, tive que dedicar meu tempo a isso [...] me afastei da secretaria quatro vezes porque [...] estava com sequelas que é os mesmos sintomas [...] fraqueza do pulmão e os sintomas são muito parecidos.	G
Impossibilidade do trabalho remoto	Eles deram [...] um mês e pouco , mas logo depois que não teve jeito mesmo que eles viram que não iam acabar (a pandemia), aí voltou a trabalhar com o distanciamento , até porque a gente precisava voltar pra organizar as pessoas do estabelecimento.	E

Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 5, aborda-se as principais dificuldades das investigadas com relação a sua vida acadêmica. *A priori*, são apresentadas aquelas que se referem ao contexto do ensino remoto emergencial (ERE). A primeira subcategoria deste tema tratou de *problemas no acesso à internet*, os quais se não dificultavam, inviabilizavam a participação eficaz das alunas nas aulas online. Nesse sentido, cabe reforço à investigação de Almeida (2020), realizada em Sergipe, segundo a qual problemas de conexão com a internet resultaram em obstáculos a universitários na transição para o ambiente virtual de

aprendizagem, sendo algo comum a inúmeras localidades brasileiras. Essas “diferenças digitais” foram expostas na pandemia e se tornaram mais explícitas em realidades socioeconomicamente mais vulneráveis (FERREIRA; FONSECA FILHO, 2020), a exemplo das vividas por muitas entrevistadas. Complementarmente, a *impossibilidade de acesso à infraestrutura universitária*, tal como a biblioteca e equipamentos tecnológicos, obstaculizaram ainda mais que as discentes realizassem com qualidade as suas pesquisas e demais atividades necessárias à execução de suas tarefas acadêmicas.

Quadro 5 – Dificuldades relacionadas à vida acadêmica das entrevistadas

Categorias	Subcategorias	Depoimentos	Quem disse?
Ensino Remoto Emergencial	Problemas no acesso à internet	[...] questão do acesso à internet que, em determinado momento, ficou limitado pra muitas pessoas, inclusive pra mim. Tive problemas com internet, passamos por uma mudança de residência nesse período.	C
		Meu pai [...] morava no interior [...] então, eu e a minha mãe tivemos que sair daqui de São Luís pra ir pra lá [...] teve algumas aulas remotas [...] ficou muito difícil pelo fato de aonde meu pai morava, não tinha internet. Não tinha Wi-Fi. Então eu tinha que ir pra casa, no meio de uma pandemia, para poder estar assistindo aula porque senão eu poderia reprovar.	D
	Impossibilidade de acesso à infraestrutura universitária	O governo dificultou com as ações de saúde [...] a gente ficou isolado muito mais tempo por falta das vacinas [...] a instituição de ensino também a gente sofreu com essa desorganização [...] não tive, não tenho [...] acesso à biblioteca, acesso à informação [...] acaba impactando pra mim [...] nesse período que já estou no TCC [...] é muito complicado. Não tenho acesso aos materiais que antes eu tinha e toda infraestrutura da universidade.	H
	Carência de espaço adequado para os estudos	Sim, tanto trabalhar na questão de estágio quanto estudar remotamente eu tive que fazer [...] a parte mais difícil foi realmente adaptação [...] precisa estar num local com o mínimo de silêncio possível pra concentrar nas atividades [...] depois de um tempo a gente se adequa e percebe que não dá pra misturar rotinas [...] porque são atividades que precisam de concentração, de atenção pra você conseguir produzir de fato conteúdo de qualidade e assimilar conteúdo.	A
		[...] não tenho um espaço só meu pra estudos , eu divido esse espaço é com outras pessoas [...] então é bem complicado porque eu tinha que me desdobrar em mil pra que as atividades dos outros integrantes da família não afetassem a minha atividade naquele momento.	C
		No momento que você está em casa, you tenta fazer essa separação (de tarefas), mas nem sempre é possível. Então, isso acaba que você cria grandes responsabilidades e nem sempre consegue conciliar [...] estou conseguindo, mas não está sendo fácil. Está exigindo muito mais tempo do que eu imaginava.	H
		[...] teve uma certa dificuldade quando se fala vida familiar com estudos [...] às vezes, tu tinhas que passar o dia todo estudando [...] E as pessoas a minha volta achavam que eu não fazia nada [...] colocava uma obrigação pra eu fazer na hora [...] então eu tinha muitas	I

		vezes que deixar o computador lá a aula rodando enquanto eu ia cuidar coisas.	
		O lado negativo é que deixei de vivenciar muita coisa que, pra minha modalidade de curso, seria muito mais interessante e enriquecedor presencialmente.	B
		Precisei estudar e trabalhar em regime remoto [...] a transição do ensino [...] do regime remoto pros estudos, o que foi um baque pra mim, mas eu entendo [...] a Universidade Federal não [...] estava preparada [...] então foi uma transição, assim, de supetão.	C
		O aspecto negativo [...] a perda de foco [...] a gente não vai pra UFMA [...] isso dificulta também o nosso curso é 100% presencial e ele é muito prático [...] isso é um aspecto bem negativo.	E
		[...] a questão das aulas online, pra mim, não está sendo tão bom. Não acho que tô conseguindo aprender da mesma forma que aprenderia se as aulas fossem presenciais [...] mesmo os conteúdos sendo bons, os professores se disponibilizando pra dar uma aula muito boa [...] as coisas de forma online parece muito robotizada, mecânicas [...] nossa relação aluno-professor é bem melhor e mais produtiva quando é de forma presencial [...] de forma virtual, as aulas não estão sendo tão produtivas.	F
		Tive uma disciplina e orientação da monografia também de modo remoto [...] não teve pontos positivos nesses aspectos [...] foi muito difícil trabalhar. Eu não trabalhei de modo normal, difícil se adaptar e acaba que [...] qualquer empecilho que acontecesse no dia a dia era um motivo pra eu adiar uma atividade, alguma entrega, algum prazo da monografia, por exemplo.	G
		[...] o meu tempo parece que encurtou. Não tenho esse excesso de concentração. Então, pra mim, agora esse momento dificultou.	H
		As mesmas disciplinas que peguei presencialmente fui no remoto [...] fiquei muito decepcionada [...] não é que os professores não se empenharam [...] mas o formato era completamente diferente. O curso de turismo precisa da prática, precisa do ao vivo [...] senti um lado muito negativo nisso, por conta de todos os ensinamentos (de sala de aula) não terem se adaptado a esse ensino (ERE).	I
		De início, até achei bom poder assistir aula de pijama. O único problema é que, depois de um tempo, comecei a sentir os problemas de estar em EAD [...] Como eu disse antes, minha vida pessoal passou a nem existir, então meus momentos de lazer se resumiam a telas e eu só tinha contato com meus amigos pela internet [...] dou aula de inglês [...] tive que começar a dar aulas [...] foi horrível, eu ficava triste só de lembrar que eu precisava dar aula online, eu me sentia muito distante dos alunos, não era algo natural, orgânico [...] quanto aos estudos não foi tão difícil [...] o que mudou foi meu interesse quanto a assistir as aulas ou fazer os trabalhos [...] Os professores [...] foram todos bem compreensivos e deram seu melhor mesmo que eles também estivessem enfrentando dificuldades para se adaptar.	J
		Acredito que a estruturação do projeto remoto e híbrido se deu de maneira muito complexa [...] não refletindo sobre os limites entre o público e o privado, uma vez que ela desencadeou um acúmulo de atividades que não condiz com a realidade que vivenciamos [...] Foram duplicadas	K
	Dificuldades na transição do ensino presencial para o ERE		

		as atividades que eram realizadas de maneiras presenciais, não levando em conta que existiam outras disciplinas. Então, isso acabou sendo muito frustrante.	
		[...] acredito que que a instituição ela fez a parte dela de distribuir aparelhos com acesso à internet pra quem tinha dificuldade de acesso, só que como eu já não me enquadrava no perfil atingido por essa medida acabou não sendo feito nada que se enquadrasse na minha realidade.	A
		As instituições de ensino superior, governo tiveram seus pontos positivos, negativos, mas acredito que dava pra fazer mais [...] dentro do contexto acadêmico [...] ninguém nunca foi mais a fundo pra entender a realidade daquelas pessoas [...] pra manter determinados alunos na academia ou manter positivamente, influenciar positivamente o desempenho acadêmico de outros colegas [...] não fui muito afetada [...] porque tive acesso, mesmo com minhas dificuldades, ao computador, a uma internet. Tenho apoio familiar, apoio psicológico.	C
	Problemas na política de assistência estudantil	A UFMA deveria ter pensado em outras maneiras de influenciar os alunos a continuarem com [...] um desempenho bom nas atividades, nas disciplinas [...] porque só o empréstimo de tabletes e chips não foram suficientes [...] a internet não funcionava direito, então, eu fiquei na mesma situação , fui obrigada a contratar uma internet mesmo não tendo condições de pagar na época [...] piorou assim que as aulas começaram a ficar online porque eu estava tendo dificuldades com conexão, dificuldade pra assistir as aulas por conta da internet da UFMA que oscilava muito [...] foram ficando cada vez mais difícil, e pelo fato de eu não ter um computador porque o meu notebook queimou e eu tenho que fazer tudo pelo celular ou pelo tablete da UFMA [...] muito difícil deixar tudo certinho, conforme a norma da ABNT.	F
		[...] não só por mim, mas pela comunidade acadêmica toda seria a disponibilidade mesmo de atendimento remoto e a facilidade mesmo de acesso à atendimento psicológico.	G
		A universidade conseguiu dar suporte pra alguns alunos que estavam precisando mais do que eu [...] principalmente nesse período, eu não via o governo federal fazendo nada [...] pro Brasil [...] imagine relacionado à academia [...] um governo que fala que a ciência não é importante, que a ciência é besteira.	I
		O auxílio estudantil é fundamental para manutenção dos estudantes na universidade, mas ele precisa ser revisitado, ser ampliado, precisa dialogar com a realidade contemporânea [...] fui fazer uma entrevista na assembleia legislativa [...] uma das primeiras coisas que me chamaram atenção foi a creche [...] na UFMA, a gente não tem uma creche, não tem de fato um programa que contemple a maternidade de uma maneira eficaz.	K
	Conflitos com docentes	[...] houve professores que se negaram a me responder, em algum momento, por alguma coisa que estava acontecendo na realidade delas que eles não [...] até hoje eu não entendi o motivo.	A
		Com alunos melhorou [...] minha relação se ateu ao estrito necessário, logo não tive problemas. Com professores piorou bastante [...] a maioria deles por estar em ensino remoto e com a carga horária de aula meio	B

		reduzida, eles achavam que podiam passar uma atividade por dia [...] tinha que tá pronto quando eles solicitavam [...] ignoravam que tínhamos outros afazeres.	
		[...] nem todo mundo tinha acesso à internet, nem todo mundo tinha acesso a um computador [...] uns ficavam mais sobrecarregados do que os outros e isso acabou realmente gerando uma certa comoção negativa , umas discussões, brigas, uns afastamentos [...] essa questão do trabalho e do estudo, ela foi bem mais complicada, eu acredito do que com a familiar [...] em questão de compreensão, eu senti por uma falta muito grande em alguns professores.	C
		[...] tive uma dificuldade de manter meus ensinamentos assim de maneira virtual então me afastei dos colegas da academia e tive dificuldade de manter em relação com os professores e os professores que mais tive contato foi a minha orientadora. e a coordenadora do curso.	G
		Eu tive contato com violência psicológica com professores, nesse contexto remoto, e isso foi uma das coisas que mais me frustrou e me desanimou com a academia , porque, pra mim, é inadmissível que as pessoas usem esse lugar para humilhar, pra desclassificar, pra estabelecer essa lógica de dominação.	K
Desempenho acadêmico	Procrastinação e perda de prazos	O período de aula EAD [...] confesso que por não haver aquela pressão de sala de aula, de estar indo todo dia [...] acabou que eu procrastinei um pouco mais pra fazer algumas atividades, alguns trabalhos.	A
		Piorou muito! Me sentia inútil, aí me botava pra fazer várias cadeiras da faculdade e outros cursos ao mesmo tempo. Ficava protelando pra fazer as atividades, leituras, trabalhos e acabava perdendo os prazos até me afundar de vez.	B
		A questão de prazos [...] qualquer dificuldade que eu tivesse um dia já era um motivo [...] pra adiar [...] a questão da ansiedade, principalmente [...] da questão do prazo [...] ficava muito insegura de ser julgada, de mandar um trabalho pra avaliar, de falar e na sala virtual do vídeo tremendo.	G
	Queda na produtividade	Eu poderia ter sido mais produtiva e responsável não jogando tudo pro ar como basicamente fiz. Isso teria sido muito melhor pro meu desempenho acadêmico [...] não me dediquei como deveria ao ensino remoto.	B
		Não fiz uma publicação e me mantive nos prazos dados pela universidade e pelos professores.	D
		Piorou muito [...] cumprimento de prazos. Nunca tive problema (antes) [...] com prazo. Minha grande problemática foi que eu não imaginava que em algum momento eu poderia ter um problema com internet [...] com envio, com o meu computador pra entregar [...] no prazo [...] dentro da universidade, no presencial, se eu tivesse com algum problema no computador, na internet, eu passava o dia todo na faculdade, usava um computador do núcleo, da biblioteca, de algum dos pontos e resolvia esse problema [...] realmente, não cogitei essa possibilidade num período de pandemia [...] meu desempenho caiu drasticamente, depois eu consegui me recuperar, me reerguer, mas foi difícil.	C
		[...] Eu não conseguia fazer além de fazer as provas e atividades pra passar [...] as notas, eu consegui manter ela de 7,0 pra cima [...] eu estava tomando remédio, então eu	I

		não conseguia ficar acordada nas aulas [...] só queria ficar deitada com meu travesseiro e eu não conseguia ler. Então eu comecei a ter alguns lapsos de memória	
--	--	---	--

Fonte: Elaboração própria.

Outra dificuldade enfrentada pelas acadêmicas trata da *carência de espaço adequado para os estudos*, em que se reforça uma incompreensão, por vezes, de seus familiares de que precisavam de momento de concentração para cumprir com suas tarefas. Percebeu-se que as acadêmicas expressavam a necessidade de um espaço exclusivo para estudar, um ambiente, minimamente, tranquilo para poder prestar atenção às aulas e assimilar o conteúdo. Sobre este aspecto, Woolf et al. (2014) havia mencionado a necessidade de contar com espaço apropriado e isolado das demandas extra domésticas para que as mulheres pudessem cumprir suas atividades profissionais e bem executarem seu trabalho intelectual.

A subcategoria *dificuldades na transição do ensino presencial para o ERE* expressa obstáculos variados, a exemplo da perda de foco, a necessidade rápida adaptação, falta de motivação, descumprimento de prazos, pouco aproveitamento das disciplinas, sensação de distanciamento com professores e colegas, entre outros. Além disso, algumas acadêmicas reclamaram que o curso de Turismo exige atividades práticas as quais foram impossibilitadas pelo ERE. Este achado se alinha ao pensamento de Ferreira e Fonseca Filho (2020), para quem cursos como os da área do Turismo passaram por enormes desafios para manter o engajamento dos discentes, em razão das indispensáveis atividades práticas como extensão e visitas técnicas.

As investigadas expuseram, do mesmo modo, *problemas na política de assistência estudantil*, embora se reconhecesse algumas medidas tomadas por parte da Universidade. Entretanto, houve críticas, primeiramente, por muitos(as) discentes não serem contemplados(as) pelos auxílios estudantis oferecidos, como acesso a tablets e internet gratuita. Algumas entrevistadas precisaram investir em equipamentos e/ou pacote de dados para assistir às aulas com qualidade. Em outro aspecto, o empréstimo de chips e tablets não foi suficiente para que as discentes acessassem com qualidade as aulas, resultando em prejuízos ao processo ensino-aprendizagem na pandemia. Cabe ressaltar, aqui, de que problemas na infraestrutura tecnológica universitária foram motivos para que retardar a resposta eficaz ao ERE (PAZOS et al., 2020) e o problema foi ainda maior para o alunado mais carente (ALMEIDA, 2020; FERREIRA; FONSECA FILHO, 2020). As estudantes destacaram, ainda, dificuldades para conseguirem atendimento psicológico, orientação de alguns docentes e o fato de que mulheres-mãe não foram

contempladas com nenhuma ação mais específica. Todos esses fatores, elencados acima, ratificam os desafios impostos às mulheres na compatibilização de rotinas domésticas e acadêmicas (FERREIRA; FONSECA FILHO, 2020). Tratou-se, ainda, de *conflitos com docentes* motivados por falta de suporte e/ou excesso de cobranças acerca das atividades acadêmicas. Importante destacar que uma discente alegou ter sofrido violência psicológica por parte de um(a) docente, algo que se compreende como inadmissível e que contradiz a literatura sobre hospitalidade acadêmica no bom relacionamento entre professores e discentes (ANDRADE et al., 2022).

Na categoria desempenho acadêmico, identificou-se, de antemão, a *procrastinação e perda de prazos*, em que os depoimentos obtidos explicitaram prejuízos na *performance* das acadêmicas provocadas por situações como ansiedade, insegurança, medo do julgamento de terceiros e problemas ligados à saúde mental. A *queda na produtividade*, refletidas em menor frequência de sala de aula, nas leituras e na produção de artigos, além do descumprimento de prazos de trabalhos, foi ocasionada, em alguns momentos, por fatores físico-emocionais (algumas alunas já estavam, inclusive, fazendo uso de medicações), em outros, devido a problemas tecnológicos. Essa queda no desempenho acadêmico já havia sido constatada por Torres e Cunha (2020) e com maior relevância para o público feminino. No entanto, há de se evidenciar que, mesmo diante das intempéries, as alunas costumavam cumprir prazos e manter suas notas na média e, para tanto, olvidavam esforços maiores, abdicando de grupos de estudo ou mesmo do trabalho para que isso acontecesse. Ao considerar que, mesmo em momentos anteriores, as acadêmicas já enfrentavam sobrecarga, na pandemia, os obstáculos foram ainda maiores (MENDES, 2020), pois as demandas de estudo, trabalho e família se somavam a um quadro psicoemocional já bastante afetado.

No Quadro 6, expõe-se as dificuldades centrais das acadêmicas na sua vida pessoal/familiar. Primeiramente, *identificou-se o aumento nos conflitos interpessoais*, motivados pelo excesso de convivência e dos efeitos gerados pela crise econômica provocada pela pandemia (OLIVEIRA, 2020). Em outros casos, esses conflitos evoluíram para situações de *violência doméstica*, com ocorrências de agressão verbal pelo parceiro ou até mesmo evoluindo para situação de agressões físicas. Para uma aluna, a violência verbal presenciada, em seu âmbito familiar, justificava-se pela sucessão de acontecimentos vividas pelo agressor, como o desemprego e o alcoolismo. No caso de outra discente, sua convivência com seu agressor continuou por determinado tempo, pois

seu núcleo familiar não residia na mesma cidade e, com a pandemia, sentiu-se sem forças ou opções para buscar um outro abrigo. A mesma entrevistada menciona que as agressões a afastaram da família e amigos que, ao saberem do incidente, colocaram-se mais a julgar do que a ajudar. Esses achados corroboram os registros oficiais de aumentos nos casos de violência doméstica durante o período de isolamento social da pandemia (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020) e que a maior parte das ocorrências provém dos próprios parceiros (OPAS, 2022b).

Quadro 6 – Dificuldades relacionadas à vida pessoal/familiar das entrevistadas

Categorias	Subcategorias	Depoimentos	Quem disse?
Relacionamentos interpessoais	Aumento nos conflitos interpessoais	[...] piorou um pouco pois todo mundo em casa aumentou o nível de estresse . Muita gritaria por coisa fora do lugar, por tá todo mundo em casa e ninguém fazer certa coisa, discussões estresse.	B
		[...] afetou bastante meus relacionamentos [...] com meu namorado, nossa relação piorou depois do isolamento porque a gente começou a passar o tempo inteiro juntos, foi havendo brigas, discussões, estresse diariamente, por besteira [...] as coisas foram ficando insuportáveis e a relação com meus amigos e a minha família foi ficando cada vez mais distante porque com toda essa questão de isolamento, pandemia, eu e outra pessoas começamos a evitar ao máximo encontros, viagens, qualquer tipo de contato social.	F
		Eu tive mais brigas com minha mãe [...] passei um ano quase sem falar com ela e tudo isso na mesma casa, então, bem complicado.	I
		No início foi horrível, eu nunca tinha sido obrigada a passar tanto tempo com minha família [...] os atritos vinham pelas coisas mais bobas possíveis como a limpeza da casa ou onde alguém guardou alguma coisa, todos estavam muito estressados e frustrados [...] a rotina de todos mudou drasticamente	J
	Violência doméstica	Logo no primeiro ano de pandemia, quando as medidas restritivas eram mais rigorosas [...] eu e meu namorado começamos a ficar mais tempo em casa, consequentemente, vieram brigas, discussões por conta de qualquer coisa. As brigas começaram a ser constantes e a ponto de evoluir pra agressão física [...] de eu agredir ele e ele me agredir [...] sem poder sair, sem eu ter familiar por aqui, eu não tinha pra onde ir [...] as coisas foram ficando cada vez pior , a nossa relação, o convívio, começamos a nos tratar mal, enfim, mas isso me afetou de forma que eu comecei a me distanciar até da minha família, dos meus amigos pra não ter que falar desse assunto [...] às vezes, as pessoas, ao invés de ajudar, elas julgam.	F
		Meu pai sempre teve problemas com bebida alcoólica, e durante a pandemia não foi muito diferente [...] Com o desemprego, a vergonha de não poder ajudar em casa e a tristeza por não conseguir arrumar emprego. Quando bebe, ele começa a brigar, a xingar, a agredir verbalmente, tudo isso direcionado a minha mãe.	J

Impactos à saúde física e mental	Crises de pânico, ansiedade e/ou estresse	Eu comecei a ter crises de ansiedade muito fortes no final de 2020 pra 2021 [...] estava morando sozinha [...] devido ainda ter várias medidas restritivas, isolamento [...] agravou ataques de pânico , mas eu consegui ajuda, inclusive pela universidade [...] a ajuda da psicóloga da PROAES.	A
		Notei um certo aumento de intensidade na minha ansiedade [...] também do meu estresse [...] Não gosto que a pessoas falem comigo, perto de mim, ou coisas do tipo, fico muito irritada, só quero silêncio o tempo inteiro. Fora uma possível síndrome do impostor, me sinto inútil o tempo inteiro.	B
		[...] comecei a ter várias crises de ansiedade por conta da pandemia , principalmente depois que eu tive que sair do meu emprego e aí eu passei a ficar muito tempo e casa sozinha.	F
		eu já tinha de ansiedade [...] baixa autoestima, autossabotagem, procrastinação [...] eu já tinha, mas poder intensificar pela pandemia. [...] demorei muito tempo pra começar a entregar as primeiras partes da minha monografia , porque eu tinha medo de assistir o julgamento	G
		[...] o princípio de ansiedade [...] isso foi um diagnóstico mesmo com a psicóloga e eu acredito que foi mais por conta de eu ter uma vida bem ativa na universidade, de fazer estágio, de passar mais tempo nas atividades [...] e de repente tudo isso mudar.	H
		[...] o meu estado de saúde tanto mental quanto físico começou a afetar [...] aí se junta ter que ficar assistir aula, por rede social, por internet [...] eu só queria estar bem. Só queria um dia acordar e pronto. Venci uma parte pra conseguir.	I
	Exaustão física e mental	[...] eu estava com dificuldade de fazer, estava deixando acumular um monte de atividade de casa pra fazer porque eu estava, com uma exaustão mental de ficar presa, de não ter convívio social.	F
		[...] eu não tinha vontade de levantar da cama , não tinha vontade de assistir o que estava acontecendo pelo mundo, porque me trazia ainda mais angústias [...] os meus problemas eu não consegui lidar com eles não estava dando porque eu estava presa em um lugar que eu não me sentia segura [...] perdi os contatos com as pessoas que eram próximas [...] porque eu não sentia vontade, eu achava que elas não precisavam [...] As aulas começaram a ficar a mesma coisa e eu não aguentava mais. Então o meu período de pandemia foi mais negativo do que positivo.	I
		[...] a quantidade de horas que a gente fica na frente de uma tela triplicou [...] (a pandemia) me trouxe um sentimento de desencantamento com a academia que oscila , por hora, ele me impulsiona a escrever e tentar mudar essa estrutura de “colonialidade” tão presente no ensino superior e, por hora, me faz desejar não seguir carreira acadêmica [...] O período pandêmico trouxe um grande peso psicológico , uma vez que ele evidenciou todas as desigualdades.	K
	Insônia	[...] tenho menos tempo do que de costume, então eu [...] não tenho praticado nenhum tipo de exercício físico, não tenho me alimentado nada bem. Meu sono não tem sido nada regulado e quando tô de folga de um trabalho	B

		como o estágio por exemplo, normalmente não estou no outro então no pouco tempo que tenho tento descansar (ficar deitada) ou dormir.	
		[...] percebi quando eu comecei a ter insônia , ficar com uns medos relativamente bobos.	H
	Alcoolismo e/ou depressão	Eu tenho diagnosticado depressão e ansiedade [...] acredito que a pandemia desencadeou uma alteração muito forte nas minhas crises [...] durante a pandemia se tornou muito mais forte.	D
		[...] alguns comportamentos que eu posso considerar destrutíveis , assim, em relação a minha pessoa, foi que eu comecei a querer me isolar das pessoas que eu tive um contato maior [...] bebi sucessivamente [...] acho que foi um ponto aí que realmente eu passei dos limites, porque [...] é uma válvula de escape. Sempre tive ansiedade , vários problemas relacionados a isso [...] meu problema de lidar com as pessoas [...] de socializar e acaba que o álcool foi uma válvula de escape no período de pandemia.	G

Fonte: Elaboração própria.

Outra dificuldade relevante enfrentada, no período da pandemia, versou sobre impactos à saúde física e/ou mental das discentes. Inicialmente, *crises de pânico, ansiedade e/ou estresse* foram levantadas, em que se verificou duas alunas com quadro de ansiedade diagnosticado por profissionais, um deles por meio do atendimento psicológico oferecido pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da Universidade Federal do Maranhão (PROAES). Aqui se sublinha a importância do suporte institucional às acadêmicas no âmbito universitário, sobretudo em momentos adversos como o da pandemia da COVID-19 (ANDRADE et al., 2022). Relatou-se, inclusive, o aumento intenso na ansiedade que elevava o nível de estresse, além do destaque para a “Síndrome do impostor”, com o sentimento de impotência que acomete, certamente, muitas mulheres em ambientes profissionais e universitários.

Somou-se, a esses efeitos, a *exaustão física e mental*, situação em que as alunas ressaltaram uma sobrecarga na rotina, por conta do acúmulo de atividades domésticas, o qual gerou desinteresse pelas atividades acadêmicas mais básicas. Uma entrevistada que é mãe reforçou seu desencantamento pela universidade por não se sentir apoiada ao longo de sua trajetória acadêmica, em especial, a sensação de abandono durante a pandemia. Aqui se verifica, uma vez mais, a situação da tripla jornada feminina que eleva os níveis de sofrimento das mulheres (AMARAL; VIEIRA, 2009). Há que se ressaltar, adicionalmente, que essa exaustão relatada apresenta relação direta com a abundante e contínua exposição às telas dos computadores, conforme observado por Ferreira e Fonseca Filho (2020). Por fim, verificou-se, também, problemas como *insônia, alcoolismo e/ou depressão*, nos quais as investigadas salientaram sobrecarga na rotina

Nota-se que este conjunto de efeitos nocivos à saúde das mulheres já havia sido previsto na literatura específica. Moraes (2020), por exemplo, apontou que o confinamento, por conta da pandemia, elevou os níveis de estresse, comprometendo a qualidade do sono, o que, por consequência, debilita a saúde física e mental das pessoas. Torres e Cunha (2020), por seu turno, frisaram que o adoecimento físico e psíquico, por força da chegada da COVID-19, foi muito mais intenso para as mulheres do que para os homens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres acadêmicas do curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão para lidar com a pandemia da COVID-19. Adicionalmente, procurou-se levantar os impactos da pandemia sobre a vida das acadêmicas e suscitar melhorias para a sua vivência durante a sua jornada na universidade.

Com relação aos impactos da pandemia na vida das acadêmicas, observou-se que os positivos versaram sobre: Possibilidade de estudar remotamente; Reduzir/eliminar deslocamentos; Desenvolvimento de novas competências; Valorizar o cotidiano; Maior convivência com familiares; Melhoria nos relacionamentos com colegas e professores do curso; Conseguiu emprego e/ou estágio e Iniciou terapia.

Dentre as principais dificuldades enfrentadas pelas alunas na sua vida profissional, destacam-se: as dificuldades em compatibilizar dupla/tripla jornada, que ocasionou na necessidade de se afastar do trabalho; e a impossibilidade do trabalho remoto, como ocorreu no caso de algumas profissões.

Em relação as suas vidas acadêmicas, as discentes informaram que as dificuldades nessa área foram: Problemas de acesso à internet; Impossibilidade de acesso a infraestrutura universitária; Carência de espaço adequado para os estudos; Transição do ensino presencial para o ERE; Problemas na política de assistência estudantil e conflito com docentes.

No que tange a sua jornada pessoal/familiar, as acadêmicas destacaram que houve aumento nos conflitos interpessoais; relatos de violência doméstica; crises de pânico, ansiedade e/ou estresse; exaustão física e mental; insônia e alcoolismo e/ou depressão.

Os desafios impostos as alunas pela chegada repentina da pandemia foram sentidas em todas as áreas de suas vidas. No entanto, percebe-se que as medidas para a contenção da propagação do vírus SARS-CoV-2 foi implementada de forma rápida e inapropriada, não considerando as várias camadas sociais. O problema de a adoção do isolamento social ter sido reduzido apenas a uma campanha “Fique em casa”, é que essa campanha não levou em consideração problemas sociais já existentes como a violência doméstica. Entende-se a necessidade da adoção do isolamento o mais rápido possível, mas a falta de

políticas de assistência a mulheres foi responsável pelas altas nos casos de violência doméstica, como aparece nos resultados deste estudo.

Diante dos resultados apresentados, as contribuições deste estudo tiveram a pretensão de identificar os principais entraves nas vidas das alunas ao longo da pandemia, os quais interferem de forma direta ou indireta no seu desempenho e bem-estar. Quanto às sugestões para melhorias da rotina acadêmica das mulheres são indicadas as seguintes: direcionar o olhar das universidades para a importância da manutenção da saúde mental de suas alunas e alunos, gerando espaços de debate, campanhas de conscientização e maior suporte estudantil quanto às questões psicológicas; ampliar e aperfeiçoar as políticas de assistência estudantil que considerem os diferentes perfis e circunstâncias que abarcam a vida das discentes, sobretudo as mães; desenvolver estratégias de retenção, a fim de ampliar e assegurar a permanência do público feminino nas universidades; desenvolver orientações e treinamentos junto a discentes e docentes, a fim de estabelecer condições adequadas ao processo de ensino-aprendizagem que privilegie um espaço mais acolhedor e respeitoso entre os(as) envolvidos(as); aperfeiçoar os canais de denúncia de assédio na universidade de maneira que proteja as vítimas e puna os agressores;

Destaca-se, ainda, as limitações deste estudo. Uma delas é o fato de a pesquisa ter sido feita em um momento delicado de pandemia, em que os dados foram coletados por meio do aplicativo *WhatsApp* de maneira assíncrona, podendo gerar interferências. Algumas alunas consultadas não tiveram a disponibilidade para participar da pesquisa, o que pode ter afetado a diversidade da amostragem. Ademais, trata-se de uma investigação realizada em uma instituição de ensino superior pública e em um curso específico. Diante disso, propõe-se uma agenda de pesquisa: um estudo comparativo do tema abordado e a ampliação da amostragem e/ou realização de pesquisas em bases quantitativas, expandindo a investigação para outras instituições de ensino, em diferentes níveis de aprendizagem e cursos, considerando as questões de diversidade ou, até mesmo, o tema da interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. R. Práticas pedagógicas mediadas por tecnologias digitais em período de pandemia. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, 10, e024827, 1-20, 2020. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24827>
- ALVARENGA, D. **Mulheres ganham em média 20,5% menos que homens no Brasil**. Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-ganham-em-media-205percent-menos-que-homens-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 08 mar. 2022
- ALVES, D. A. **Gestão, produção e experiência do tempo no teletrabalho**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- AMARAL, G. A. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 8, n. 2, 2013. DOI: 10.5216/rir.v2i13.22336
- AMARAL, G.A.; VIEIRA, A. A Mulher e a Tripla Jornada de Trabalho: a Arte de Ser Beija-Flor. **Anais do XXXIII Encontro da ANPAD**, São Paulo, 2009.
- ANDRADE, D. A. C.; SILVA, D. L. B.; NEVES, G. P.; VIANA, A. C. M. N. Luz, Câmera, Ação! A hospitalidade virtual no ensino remoto emergencial durante a pandemia da COVID-19. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, volume 19, p. 82-107, 2022.
- ANTUNES, R. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. Editora Boitempo, 2020.
- BAKER, D.MC.A.; UNNI, R.; KERR-SIMS, S.; MARQUIS, G. Understanding factors that influence attitude and preference for hybrid course formats. **e-Journal of Business Education & Scholarship of Teaching**. 14(1), June, 174-188, 2020.
- BARBOSA, A. L. N. H.; COSTA, J. S. M.; HECKSHER, M. D. Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: Ampliação de desigualdades já existentes? **Mercado de trabalho**, 69, p. 55-63, jul. 2020.
- BEAUVOIR, S. DE. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BEZERRA, L. **Na pandemia, demissões direcionam trabalhadores a migrar para o serviço de apps**. 2020. Disponível em:

<https://www.brasildefatope.com.br/2020/07/13/na-pandemia-demissoes-direcionam-trabalhadores-a-migrar-para-o-servico-de-apps>. Acesso em: 13 de jun. de 2020.

BIANQUINI, H. **Combate à violência doméstica em tempos de pandemia: o papel do Direito.** Consultor Jurídico, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-abr24/direito-pos-graduacao-combate-violencia-domestica-tempos-pandemia>. Acesso em: 22 abril 2022.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil.** São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988.** Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 nov. 2022.

BRASIL. **Lei Maria da Penha. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 5 mai 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 09 mai. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Brasília: Presidência da República, 2020.** Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e%20sobre,objetiva m%20a%20prote%C3%A7%C3%A3o%20da%20coletividade>. Acesso em: 06 mai. 2022.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALDEIRA, R.; SUDRÉ, S. G. S.; PEREIRA, G. J. Entre as conexões e as desconexões: experiências acadêmicas em tempos de distanciamento social físico. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 162-175, set./dez., 2020.

COOLICAN, M.; BORRAS, J.C.; STRONG, M. Argentina and the COVID-19: Lessons learned from education and technical colleges in Buenos Aires Province. **Journal of Education for Teaching**. 46(4), p. 484-496, 2020. <https://doi.org/10.1080/02607476.2020.1802204>

CORRÊA, A. M. H. **O assédio moral na trajetória profissional de mulheres gerentes: evidências nas histórias de vida**. 2004. 184f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CORRÊA, R. C. (Org.). **O enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher: uma construção coletiva**. Conselho Nacional de Procuradores-Gerais, 2011. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/cartilhaViolenciaContraMulherWeb.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2022.

CORSINI, I. **Brasil tem quase cinco milhões de mulheres a mais que homens, diz IBGE**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-quase-cinco-milhoes-de-mulheres-a-mais-que-homens-diz-ibge/#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,mais%20que%20homens%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 09 dez. 2022.

C6BANK NOTÍCIAS. **Pandemia é pior para mulheres, pretos e pardos e classes mais baixas**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/c6banknoticias/datafolha-c6-bank-pandemia-%C3%A9-pior-para-mulheres-pretos-e-pardos-e-classes-mais-baixas-ca116bfd6643>. Acesso em: 16 mai. 2022.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2a ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, H. C. H.; FONSECA FILHO, A. S. Dilemas, expectativas e perspectivas sobre o ensino superior de turismo e hospitalidade em tempos de COVID-19. **Observatório de Inovação do Turismo**, XIV(Especial), dezembro, 29-49, 2020. <https://doi.org/10.17648/raoit.v14n4.6658>

FERREIRA, L.; SILVA, A.; SILVA, D.; SOUSA, T. Mulheres em cargos de gerência e os desafios em conciliar vidas pessoal e profissional: um estudo em hotéis de São Luís-

MA, Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 27/28, p. 2279-2289, 2017. e-ISSN 2182-1453.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Violência contra mulheres em 2021**. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-contra-mulheres-em-2021/.

Acesso em: 22 out. 2022.

FREITAS, K. **Surto, Pandemia, epidemia e endemia: compreenda a diferença**. 2020. Disponível em: <https://www.drakeillafreitas.com.br/surto-pandemia-epidemia-e-endemia/>. Acesso em: 5 mai. 2022.

GOOGLE NOTÍCIAS. **Coronavírus (COVID-19)**. 2022. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>. Acesso em: 31 mai. de 2022.

GUEDES, M^a. Gênero, o que é isso? **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 15, p. 4-11, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar. “Duas Germaines e uma Denise: alunas de Mauss”. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. (Orgs.). **Antropologia Francesa no século XX**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, p. 239-258, 2006.

GURGEL, T. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, p. 1-9, 2010.

HSIEH, H. F.; SHANNON, S. E. Three approaches to qualitative content analysis. **Qualitative Health Research**, 15(9), 1277-1288, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil. Estudos e Pesquisas: informações demográficas e socioeconômicas**, 2000. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/pt/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=281814>. Acesso em: 13 de mai. 2022.

_____. **Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados**. 2019. Disponível em:

<https://www.cnm.org.br/comunicacao/noticias/pesquisa-traz-dados-referentes-a-divisao-de-tarefas-domesticas>. Acesso em: 03 mai. 2021.

_____. **PNADC. Divulgação Mensal**. 2020. Acesso em: 19 abr. 2020)

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Pesquisa mostra tendência de crescimento na participação do brasileiro no mercado de trabalho**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/>. 22 mai. 2019.

JESUS, J. G. D. **Orientações sobre identidade de gênero**. 2021.

KRAUS, S.; CLAUSS, T.; BREIER, M.; GAST, J.; ZARDINI, A.; TIBERIUS, V. The economics of COVID-19(...). **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, Apr., 1355-2554, 2020. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-04-2020-0214>

LARA, R.; HILLESHEIM, J. **Modernização trabalhista em contexto de crise econômica, política e sanitária**. 2020. Disponível em: https://suassccovid19.files.wordpress.com/2020/07/artigo_modernizacca7acc83o_trabalhista.pdf. Acesso em: 15 de jul. 2020.

LAUFER, J. Introdução: Entre a esfera pública e a esfera privada: os desafios dos direitos da mulher. In: MARUANI, M.; HIRATA, H. (orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Senac, 2003. <https://doi.org/10.5216/rir.v2i13.22336>

LEITE, M. L. S.; TORRES, G. G. S.; CUNHA, R. D. T. Entre sonhos e crises: esquadrihando os impactos da pandemia por COVID-19 na vida de pós-graduandas(os) brasileiras(os). **Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 07-28, 2020. DOI: 10.22481/reed.v1i2.7532.

MARTINS, C. **Essenciais: os trabalhadores que não pararam durante a pandemia**. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/essenciais-os-trabalhadores-que-nao-pararam-durante-a-pandemia-1.2479328>. Acesso em: 03 mai. 2021.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: Livro primeiro**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MATTEI, L.; HEINEN, V. L. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 40, p. 647-668, 2020.

MELLO, D. **Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia.**

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>. Acesso em: 28 jul. 2020.

MENDES, J. D. S. As mulheres à frente e ao centro da pandemia do novo coronavírus. **Metaxy-Revista Brasileira de Cultura e Política em Direitos Humanos**, 2020.

MENDES, T. **O que é a uberização do trabalho e qual o impacto dela?** Disponível em: <https://www.napratice.org.br/o-que-e-a-uberizacao-do-trabalho/>. 2021. Acesso em: 25 mai. 2021.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Denúncias registradas pelo Ligue 180 aumentam nos quatro primeiros meses de 2020.** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/denuncias-registradas-pelo-ligue-180-aumentam-nos-quatro-primeiros-meses-de-2020#:~:text=Den%C3%BAncias%20registradas%20pelo%20Ligue%20180%20aumentam%20nos%20quatro%20primeiros%20meses%20de%202020,-Compartilhe%3A&text=De%20acordo%20com%20dados%20da,em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20ao%20ano%20passado>. Acesso em: 06 mai. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Como se proteger? Confira medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-protoger>. Acesso em: 31 mai. de 2022.

MONTEIRO, S. A. de S.; YOSHIMOTO, E.; RIBEIRO, P. R. M. A produção acadêmica sobre a questão da violência contra a mulher na emergência da pandemia da COVID-19 em decorrência do isolamento social. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 22, n. 1, p. 152–170, 2020. DOI: 10.30715/doxa.v22i1.13976.

MORAES, R.F. (2020). **Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva** (Nota Técnica 27). Ipea: Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836>>

MUJICA, G.; STERNBERG, Z.; SOLIS, J.; WAND, T.; CARRASCO, P.; HENAO-MARTÍNEZ, A. F.; FRANCO-PAREDES, C. Defusing COVID-19(...). **Trop. Med. Infect. Dis.**, 5(4), 182, 2020. <https://doi.org/10.3390/tropicalmed5040182>

NABUCO, G.; OLIVEIRA, M. H. P. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde? **Revista Brasileira de medicina de família e comunidade**, v. 15, n. 42, p. 2532-2532, 2020.

OLIVEIRA, A. L. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020. Disponível: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448/33479>. Acesso em 20 abr. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2022a. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 06 mai. 2022.

_____. **Folha informativa: Violência contra as mulheres**. 2022b. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women#:~:text=As%20Na%20C3%A7%20C3%B5es%20Unidas%20definem%20a,em%20vida%20p%20C3%ABblica%20ou%20privada%22>. Acesso em: 06 mai. 2022.

PAINEL CORONAVÍRUS. **Painel Geral**. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

PAZOS, A. J. B.; RUIZ, B. C.; PÉREZ, B. M. La transformación digital de la docencia universitaria en comunicación (...). **Revista Latina de Comunicación Social**, 78, 265-287, 2020. <https://www.doi.org/10.4185/RLCS-2020-1477>

Perrotta, D. Universities and Covid-19 in Argentina: from community engagement to regulation. **Studies in Higher Education**, 46(1), p. 30-43, 2021. <https://doi.org/10.1080/03075079.2020.1859679>

PORTAL DO GOVERNO DE SÃO PAULO. **Nova campanha do Governo destaca necessidade de ficar em casa para combater coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/noticias-coronavirus/nova-campanha-do-governo->

[destaca-necessidade-de-ficar-em-casa-para-combater-coronavirus/](#). Acesso em: 13 de abr. 2020.

ROBBINS et al. **Comportamento Organizacional**. 14^a ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

ROCHA, P. **Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado**. Belo Horizonte: Ed. Leitura. p. 10, 2009.

SANTOS, R. **O que a pandemia revelou sobre o trabalho precário no Brasil?** 2021. Disponível em: <https://juridicocerto.com/p/vanessaaguars>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SANTOS, V. M. Uma "perspectiva parcial" sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 801-824, dez. 2016.

SANTOS, G. M. R. F.; SILVA, M. E.; BELMONTE, B. R. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, 21(Supl.1), S245-S251, fev, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9304202100S100013>

SIQUEIRA, D. P.; SAMPARO, A. J. F. Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade. **Revista Direito em Debate**, v. 26, n. 48, p. 287-325, 2017. <https://doi.org/10.21527/2176-6622.2017.48.287-325>

TOBIAS, P. B. **Brasileiros estão mais estressados no home office**. 2020. Disponível em: <https://www.linkedin.com/feed/news/brasileirosest%C3%A3o-mais-estressados-no-home-office-4836924/>. Acesso em: 20 mai 2022.

TOLEDO, E. **O aumento da violência contra a mulher na pandemia de Covid-19: um problema histórico**. **Fiocruz**. 2020. Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1781-o-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia-de-covid-19-um-problemahistorico.html#.Xx3RQ5NKiCQ>. Acesso em: 4 jun. 2020.

TRISTAN, F. **União Operária**. Paris: Des Femmes, 1986.

VEAL, A. L. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

WOLFE, M. T.; PATEL, P. C. Everybody hurts: Self-employment, financial concerns, mental distress, and well-being during COVID-19. **Journal of Business Venturing Insights**, v. 15, p. e00231, 2021.

WOOLF, V. et al. **Um teto todo seu**. São Paulo, Brasil: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, B.; CAMARNEIRO, A. P.; LOUREIRO, L.; MENINO, E.; CUNHA-OLIVEIRA, A.; MONTEIRO, A. P. Impacto da COVID-19 nas dinâmicas sociofamiliares e académicas dos estudantes de enfermagem em Portugal. **Revista de Enfermagem Referência**, 1-10, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – CCSO
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA – DETUH**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Estudo: **Sofrimento da mulher no contexto acadêmico durante a pandemia de COVID-19**. Equipe do Projeto: **Nathália Laís Sousa Ribeiro** (Graduanda/UFMA); **David Leonardo Bouças da Silva** (Docente/UFMA). Instituição Responsável pela Realização do Estudo: **Universidade Federal do Maranhão - UFMA**

Prezado(a) participante, você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa qualitativa sobre “Sofrimento da mulher no contexto acadêmico durante a pandemia de Covid-19”.

Procedimentos de estudo: Roteiro semiestruturado. Entrevistas online gravadas (via Google Meet) para posterior Análise de Conteúdo. Estudo Qualitativo e exploratório.

Observações: Caso se sinta desconfortável, poderá pedir para não ser entrevistado(a). Tem o direito às informações pertinentes ao estudo em qualquer aspecto que desejar, e estará livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

Custos/Reembolso: Você não terá nenhum gasto e não receberá pagamento com a sua participação no estudo.

Caráter Confidencial dos Registros: A sua identidade será mantida em sigilo, assegurando a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos nos questionários. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados em reuniões científicas e/ou em artigos de pesquisa ou de divulgação científica publicados em revistas acadêmicas, mas mantendo o anonimato dos participantes. Os dados coletados nesta pesquisa ficarão arquivados por pelo menos 5 (cinco) anos.

Divulgação dos Resultados e Acesso: Todos os entrevistados nesta pesquisa poderão conhecer os resultados finais (ou parciais) do projeto.

Participação: Sua participação é muito importante e voluntária. Dessa forma, a interrupção de sua participação pode ser também voluntária da mesma forma que pode ser recomendada pelos membros da equipe do projeto, caso algum conflito de interesse ou conduta antiética seja identificada.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, abaixo assinado, declaro que fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Pesquisadora: Nathália Laís Sousa Ribeiro

Orientador: David Bouças, Doutor em Administração (PPGA/UnB), professor do DETUH/UFMA; coordenador do GEDOT/UFMA; tel. (98) 99210-1604, david.boucas@ufma.br

São Luís (MA), _____ de fevereiro de 2022

Nome: _____

Telefone _____ E-mail: _____

Autorizo a divulgação da entrevista concedida para a pesquisa em andamento:

Nome (participante)
Data

Assinatura

Nome (pesquisador) Nathália Laís Sousa Ribeiro
10/11/2021

Assinatura _____ Data

Em caso de dúvidas a respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Rua das Crioulas, Complexo Fábrica Santa Amélia, Centro. São Luís/MA. CEP: 65015-090
Tel: (98) 99210-1604
Email: david.boucas@ufma.br

Este termo de consentimento se encontra em duas vias digitalizadas, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável na UFMA e a outra será fornecida ao(à) responde.